

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

WELLERSON BATISTA DE LIMA

**A POTÊNCIA DA VOZ SUBALTERNIZADA NOS DIÁRIOS DE BETTY: UMA
ESCUTA DISTINTA DA *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*, DE LÚCIO CARDOSO**

PATU
2018

WELLERSON BATISTA DE LIMA

**A POTÊNCIA DA VOZ SUBALTERNIZADA NOS DIÁRIOS DE BETTY: UMA
ESCUA DISTINTA DA *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*, DE LÚCIO CARDOSO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU
2018

L732p

Lima, Wellerson Batista de

A POTÊNCIA DA VOZ SUBALTERNIZADA NOS DIÁRIOS DE BETTY: UMA ESCUTA DISTINTA DA CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, DE LÚCIO CARDOSO. / Wellerson Batista de Lima. - Patu, 2018.

56p.

Orientador(a): Profa. M^a. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Voz subalterna. Narrador contemporâneo. Resistência. Literatura Brasileira. Lúcio Cardoso.. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

WELLERSON BATISTA DE LIMA

**A POTÊNCIA DA VOZ SUBALTERNIZADA NOS DIÁRIOS DE BETTY: UMA
ESCUTA DISTINTA DA *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*, DE LÚCIO CARDOSO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito
obrigatório para obtenção do título de Licenciado
em Letras.

Aprovado em ____ /12 /2018

BANCA EXAMINADORA

Annie Tarsis Morais Figueiredo – UERN
Orientadora

Beatriz Pazini Ferreira – UERN
Examinadora 1

Francisca Lailsa Ribeiro Pinto – UERN
Examinadora 2

PATU – RN

2018

*Aos meus pais Lucineide e José, à minha irmã
Wênia e à Larissa, pelo amor, cuidado e
carinho. Amo vocês!*

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço ao Senhor, Deus meu e redentor. Pai, todas as coisas foram feitas em Ti e para Ti, e todas elas criadas para exaltação e louvor do Seu nome. Assim, espero que esta pesquisa possa de alguma forma possa engrandecê-Lo, não pela qualidade ou maestria do que escrevi, mas por ser uma oferta da minha dedicação, suor e sangue, todos entregues a ti. A minha oração é que o Senhor seja mais presente na vida do âmbito universitário, tão carente da sua luz e glória.

Agradeço também, de forma mais do que especial, ao meu pai, José Ferreira, por todo o amor e luta dedicados a mim e a nossa família, sem você eu não estaria aqui em hipótese alguma. Obrigado por comprar meus livros do William Faulkner, Tolstói, Dostoiévski e de tantos outros autores e autoras que me fizeram uma pessoa tão apaixonada por literatura. Devo isso ao senhor.

Agradeço à minha mãe, Lucineide Batista – desconheço ser humano mais puro e simples do que essa mulher – por todo o seu amor, cuidado, carinho, dedicação e ensinamentos. Obrigado por todas as suas “insistentes” recomendações e por ser meu despertador em tantas manhãs para ir até a universidade. E sim, mãe, eu não vou para a “escola” como você tanto gosta de chamar. Agradeço também à minha irmã, Wênia Batista, por me aturar durante tantos anos e momentos, eu não “me acho” tanto assim, como você gosta muito de pregar por aí. A força e a vida de vocês me fazem querer ir mais além.

Agradeço à minha namorada, Larissa, por tudo o que me ensinou dentro da universidade e fora dela. Acho que eu ainda acordo com os “olhos de quem parecia estar fumando”, como você costumava me falar. Você é uma mulher fantástica e brilhante, amo você de todas as formas possíveis.

Agradeço a todos os irmãos da Igreja Batista Emanuel, em especial aos jovens e ao nosso grupo de PGM, obrigado por todas as orações feitas para o sucesso desta pesquisa (vimos o Senhor responder os nossos pedidos). Obrigado também pelo incentivo, apoio e, principalmente, por acreditarem na minha capacidade e competência. Não esqueçam nunca, vocês são eleitos do Senhor. Amo todos vocês, meus irmãos.

Também agradeço a todos os colegas de universidade que compartilharam comigo os espaços do CAP, em especial, a Lara, a Fia e ao Michael, seres humanos incríveis, que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal.

Agradeço à minha orientadora, Annie. Obrigado por compartilhar comigo um pouco dos seus conhecimentos ao longo de suas disciplinas ministradas, assim como na orientação

desta pesquisa. Obrigado por estar sempre disposta a ouvir acerca de minhas dúvidas e questionamentos ao longo de toda esta pesquisa e por me emprestar seus livros. Sua visão e as indicações de leituras foram essenciais para o sucesso deste texto.

Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus,

Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1: 12-14

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar os diários da narradora Betty em *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso (2017), a fim de verificarmos como se delineia a sua participação e atuação na eclosão das disputas em torno da família Meneses, além de inferirmos acerca da sua visão e perspectiva, fundamentais para a compreensão do espectro panorâmico mais geral das personagens que compõem a casa. Todavia, investiga-se como a sua voz, constitui uma narrativa mais plural e de abertura de espaços e, conseqüentemente, mais conflitante. Para este estudo, pautamo-nos nas leituras de Dalcastagnè (2005; 2012) acerca do narrador contemporâneo e suas características, mais especificamente sobre a natureza de um sujeito que tropeça no discurso e leva o leitor a caminhos mais complexos, a sua atuação nas narrativas quase sempre tendem a colocar o leitor na posição de constante confrontação com o objeto literário. Almeida (*apud* SPIVAK, 2010) e Spivak (2010) em relação a construção da subalternidade do sujeito, e como estes estão inseridos em um profundo poço de silenciamento e agressões incessantes, sem espaço ou chance de falar. Até sua própria representatividade é oprimida, quando intelectuais interessam-se em seus discursos e potencialidades, acabam falando por esses sujeitos, tendem sempre a recorrer a esses, para a chance de uma posição e voz. Mas que acabam sem fala, pela própria necessidade de auxílio do outro, de um intermediário que leve o seu discurso adiante, mas o sujeito subalternizado continua calado. Com fundamentos nestas discussões, a análise da personagem Betty indica em suas narrativas como é constituída das peculiaridades dos narradores contemporâneos, por tratar-se de uma narradora que abre espaços e brechas para o surgimento de resistência dos sujeitos marginais do romance. Betty age como elemento essencial para eclosão das disputas e da fragmentação da família em partidos antagônicos, em conseqüências de sua atuação imbricada no seio familiar, muito possível graças a sua posição de governanta, o que lhe permite livre acesso aos ambientes da chácara dos Meneses. É justamente por essa liberdade encontrada e com sua ousadia, que a narradora tem um comportamento que permite sua conversação com Timóteo e Nina. Esses, agindo entre as brechas deixadas pela governanta, têm acesso a uma posição que lhes permite uma chance de dar voz, opondo-se as autoridades da casa. Uma revolução possível somente através de Betty.

PALAVRAS-CHAVE: Voz subalterna. Narrador contemporâneo. Resistência. Literatura Brasileira. Lúcio Cardoso.

ABSTRACT

This research aims to analyze the diaries of the narrator Betty in *Crônica da Casa Assassinada*, by Lúcio Cardoso (2017), in order to verify how her participation and action in the outbreak of the disputes surrounding the Meneses family is delineated, in addition to inferring about her vision and perspective, fundamental for the understanding of the more general panoramic spectrum of the characters that make up the house. However, investigating as her voice is a more plural narrative and opening spaces and consequently, more conflicting. For this study, we focus on the Dalcastagnè (2005, 2012) readings about the contemporary narrator and his characteristics, more specifically on the nature of a subject who stumbles in the discourse and leads the reader to more complex paths, his performance in narratives often tend to put the reader in the position of constant confrontation with the literary object. Almeida (*apud* SPIVAK, 2010) and Spivak (2010) in relation to the construction of the subalternity of the subject, and how these are inserted in a deep well of silence and incessant aggression, without space or chance to speak. Even their own representativeness is oppressed, when intellectuals are interested in their discourses and potentialities, they end up speaking for these subjects, they tend to always resort to them, for the chance of a position and voice. But they end up speechless, by the very need of the other's help, from an intermediary who takes their speech forward, but the subalternized subject remains silent. Based on these discussions, the analysis of the character Betty indicates in her narratives how she is constituted of the peculiarities of the contemporary narrators, for being a narrator that opens spaces and breaches for the emergence of resistance of the marginal subjects of the novel. Betty acts as an essential element for the outbreak of disputes and the fragmentation of the family into antagonistic parties, as a result of her involvement imbricated in the family, it's very possible thanks to her housekeeper position, which allows her free access to the environments of the Meneses farm. It is precisely because that freedom found and with its daring, that the narrator behaves that allows her conversation with Timóteo and Nina. These, acting between the breaches left by the housekeeper, have access to a position that allows them a chance to give voice, opposing the authorities of the house. A revolution possible only through Betty.

KEYWORDS: Subaltern voice. Contemporary narrator. Resistance. Brazilian literature. Lúcio Cardoso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O SUJEITO E O OUTRO: A CONSTRUÇÃO DA SUBALTERNIDADE.....	15
1.1 O narrador contemporâneo e suas contribuições: Betty é a ponte para o conflito dos Meneses?.....	15
1.2 Por que Betty pode falar?.....	25
2 O CONFLITO ENTRE PARTIDOS.....	33
2.1 Inaugurando um outro gênero de vida.....	33
2.2 A família cindida em partidos.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

No romance *Crônica da Casa Assassinada*, de 1959, Lúcio Cardoso faz uma arquitetura de formas e sentidos intimamente ligados ao seu poder prosaico. Entre confissões, cartas, diários e depoimentos, o escritor mineiro cria um microcosmo e, contido neste, uma sinfonia de vozes, por vezes harmônica, mas geralmente dissonante por tratar-se de um romance marcado notoriamente por lutas e embates. Cardoso (2017) compõe ao redor da família Meneses uma estrutura que lhe permite trabalhar diversos aspectos representativos, contudo o seu principal foco parece ser o de atacar a tradição mineira, os seus costumes e culturas cujo alicerce é o louvor ao mantimento de certas condições que são caras às típicas famílias burguesas, como a soberania econômica.

Os Meneses são uma tradicional família mineira, vivendo em uma chácara localizada nas proximidades da cidade de Vila Velha. É nesse ambiente que Cardoso (2017) compôs uma das belas estruturas narrativas da literatura. Por meio dos prismas de diversos personagens que ali habitam, vemos ser construída, em um processo de memória e rememoração através dos diversos gêneros inseridos no romance, uma complexa arquitetura de formas e sentidos que compõem o universo criado pelo escritor mineiro.

Para Faria (2011), existe um processo de ruína e de solapamento da estrutura da tradição, obtendo na Chácara dos Meneses o seu símbolo. “É por meio da rememoração dos personagens [...] que percebemos o processo de ruína em que tanto a família Meneses quanto a Chácara, local em que vivem, se encontram.” (FARIA, 2011, p. 76). O processo de ruína e degradação é observável por meio da descrição feita sobre a chácara, apresentando aspectos do desgaste e a deterioração de suas estruturas físicas. Esse processo de ruína do alicerce do lar da família é perpassado para os seus membros num tom representativo, no sentido da contaminação do ambiente e as pessoas que ali vivem. Ao ter o lar atacado, o esfacelamento é transmitido às personagens numa investida aos seus ideais, fomentando o afronte a toda representatividade da sociedade mineira, do tradicional mineiro e do arcaico mineiro.

Faria (2011) afirma que a obra configura-se como um regionalismo inverso em que as construções delineadas não são para a exaltação e a afirmação de Minas, mas para a exposição da hipocrisia da “Sagrada Família Mineira” que esconde, por meio de seu tradicionalismo, segredos sujos e obscuros (FARIA, 2011, p. 76). É nesse ambiente onde as “paredes” do tradicional tentam resistir ante a força do moderno, e “no microcosmo da casa, cada personagem guarda seus segredos” (OLIVEIRA, 2015, p. 8).

Faria (2011) ainda assevera que existe em *Crônica da Casa Assassinada* uma empregabilidade de alta carga intimista na elaboração da obra e da densidade das personagens, o que não exclui a possibilidade do romance ir além da psicologia destas. Cardoso (2017) parece usar de tal emprego para a criação de uma representação que atinge diretamente o tradicionalismo mineiro, os costumes burgueses, que, com o advento da modernidade, escondem-se em chácaras interioranas, onde vivem suas farsas.

Segundo Oliveira (2015), as personagens Ana e Nina são exemplos de como a forma intimista age como um processo significativo à obra. Nina, descrita em cores vivas e alegres, opõe-se ao cinza sem forma de Ana. A primeira advinda da “capital” (Rio de Janeiro), a segunda criada sob o jugo burguês, seria o moderno adentrando a chácara e o seio da tradição mineira, o ponto chave do solapamento de sua estrutura do tradicional, conseqüentemente, a destruição dos Meneses.

A chácara dos Meneses funciona como um microcosmo denso, onde as personagens criam uma atmosfera particular, atribuindo vida às paredes da casa, agindo como uma força gravitacional, exercendo um poder atrativo sobre o cosmos ao redor. Em virtude disto, estudaremos como se delineia esse processo na construção do romance, para isso analisaremos a voz da personagem Betty em seus diários que compõem a obra. A análise dos diários de Betty é uma ferramenta importante para verificarmos na obra seu caráter crítico e apontamento da tradição mineira.

Tratando-se Betty de ser a governanta da chácara, ela é um elemento que está na família Meneses há algumas gerações, conhecendo todos os segredos imbricados nas paredes da residência, observando ao longo do tempo a degradação do prestígio e da imponência da família tida como uma das mais importantes da região. Especificaremos ainda o caráter singular da visão da personagem, porque a entendemos como um elemento externo à família por não ter o mesmo sangue dos Meneses e, paralelamente, ser interna às questões e ao desenrolar das conseqüências de ser parte de uma tradicional família burguesa que resiste fracassadamente a passagem do tempo.

É diante deste contexto que este estudo objetiva verificar e investigar os diários da personagem Betty na *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso (2017), de maneira a inferir a personagem como elemento interno da trama familiar dos Meneses, mas, ao mesmo tempo, como elemento externo ao ambiente da Chácara. Em se tratando de uma governanta, a personagem não carrega o sangue e o peso arcaico carregado pela genética privilegiada dos Meneses. Dotando a sua visão como também o objeto de sua narrativa de um campo mais

livre de distorções e opacidades. Para tanto, seu relato, por todos esses fatores, torna-se singular.

Investigaremos como se delinea a funcionalidade da narradora Betty para a composição do romance, a maneira e as perspectivas por ela apresentadas, buscando inferir acerca de suas contribuições para a revolução e eclosão de diversos conflitos entre os Meneses. Isto se dá por entendermos que sua visão é dotada de uma singularidade em detrimento das outras vozes apresentadas, pois Betty é a única a conversar e preencher determinados espaços na narrativa, antes silenciados e deixados à margem. A sua ousadia rende como frutos do conhecimento de determinadas zonas inabitadas pelas outras vozes, enriquecendo o seu processo de narratividade pelo olhar diverso e plural presente em seu discurso.

Ante todas as considerações, os diários de Betty tratam de narrativas inseridas no romance, que lançam um olhar sobre o mundo, o microcosmo representado pela Chácara dos Meneses, onde Betty observa a degradação econômica, moral e familiar de tudo aquilo que carregava o nome da família para a qual trabalhava. Para tanto, o olhar de Betty esboça um importante elemento e foco deste estudo, de maneira a considerar a Chácara como base estrutural de uma degradação familiar, e por tratar-se de uma obra literária, com uma estrutura demonstrativa da degradação do núcleo da moral burguesa daquilo que historicamente lê-se como família.

Face ao exposto, esta pesquisa busca então executar o seguinte objetivo geral: Analisar a narradora Betty do romance *Crônica da casa assassinada* (2017), verificando seu olhar sobre os Meneses a fim de entendermos a sua representação e importância na narrativa para os conflitos desenhados ao longo de seus diários. Este objetivo mais geral desmembra-se em outros mais específicos: a) Qual o olhar da personagem Betty, segundo seus diários, sobre a família Meneses? b) No sentido prático de sua atuação, qual a sua funcionalidade narrativa da governanta? Por que Betty pode falar? A narradora em seus diários oferece brechas para o surgimento de vozes silenciadas, que através de sua ação ganham força e fôlego na narrativa, participando de forma mais efetiva, o que proporciona um universo mais diversificado e de embates. Então, c) qual o papel e a função objetiva da narradora como participante essencial e elementar para a eclosão das disputas entre os Meneses?

As concepções de Betty sobre os Meneses nos interessam na medida em que possuem essa característica singular no que se refere a sua visão mais clara e livre, bem como a sua importância como exploradora dos espaços marginais e do próprio conhecimento dos seres que ali habitam. Betty realiza uma abertura constante de brechas nas quais são usadas

para ouvirmos o que dizem as vozes periféricas e as características que as constituem. Deste modo, o *corpus* desta investigação é o romance já citado e a personagem Betty e suas concepções sobre a família para quem trabalha, o nosso objeto de estudo.

Esta pesquisa é relevante porque há poucos trabalhos sobre o romance aqui estudado, como os de Faria (2011) e Oliveira (2015), que tratam de questões críticas, mas que não especificam o olhar da personagem que é objeto de estudo neste trabalho. É ainda importante por dialogar com trabalhos publicados e apresentados voltados à análise de personagens, “O mito feminino em São Bernardo: a insubmissa Madalena”¹. Além disso, a pesquisa conversa com artigos produzidos como requisitos de avaliação de disciplinas voltadas para literatura, durante o curso de graduação, com os quais temos afinidade por se tratarem de análise literária.

No mais, acreditamos que a pesquisa pode contribuir para os estudos sobre personagens marginais, sobre narrador contemporâneo no romance de Lúcio Cardoso (2017) e ampliar investigações a respeito da obra, ainda pouco explorada.

A fim de descrevermos e caracterizarmos o processo de degradação moral da família Meneses, a partir do olhar marginal – por se tratar de uma personagem que não é dotada do sangue dos Meneses – da governanta da chácara, Betty, através de seus diários que compõem a narrativa aqui estudada, assim como a verificação de um microcosmo em torno da chácara Meneses onde se digladiam o tradicional e o moderno, segundo os objetivos propostos, detalharemos nossa metodologia para o conhecimento de como a pesquisa foi desenvolvida.

Este trabalho possui uma abordagem descritivo-analítica e, segundo os procedimentos de pesquisa, é bibliográfico. Nosso método de abordagem é indutivo, primeiro porque, partindo de leituras da obra em estudo, fomos levados a outras leituras que apoiam e fundamentam nossas análises; e depois porque, como estudaremos a personagem Betty, é por meio dela que alcançaremos também compreensões acerca dos outros personagens. Cremos que chegaremos às determinações objetivadas, ao processo de desconstrução a partir do alicerce dos Meneses, atribuído a figura e presença de Betty na chácara da renomada família.

Esta monografia está dividida em duas partes aqui apresentadas. No primeiro capítulo, intitulado *O sujeito e o outro: a construção da subalternidade*, discutiremos, na primeira parte, acerca do narrador contemporâneo e suas prerrogativas funcionais quanto a sua

¹(Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD1_SA9_ID686_24042015155112.pdf) e “Dora dos Capitães da areia, a Dora do Brasil” (Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1s8TE4YQAnheBKX9l3oy4eKBpXFbiIz0d/view>)

contribuição para a criação de uma narrativa mais envolvente e de maiores confrontações em seu percurso. Além de delinear a natureza traiçoeira antes dotada de uma força persuasiva, em que não era possível questionar as realidades por ele definidas. Já o narrador contemporâneo é caracterizado como um sujeito que tropeça em seu discurso e tenta enganar o leitor, lançado em armadilhas (DALCASTAGNÈ, 2005; 2012). Discutiremos também sobre a natureza de Betty, uma narradora contemporânea, em suas descrições ao longo dos cinco diários e a maneira como atua, abrindo brechas e espaços para os sujeitos marginais se expressarem. Na segunda parte deste capítulo, a discussão será sobre a subalternidade dos sujeitos e o problema de sua representatividade e seu lugar de fala (ALMEIDA, 2010; SPIVAK, 2010).

No segundo capítulo desta pesquisa, *O conflito entre partidos*, em sua primeira parte, trataremos da relação do romance com a nova sociedade contemporânea, o gênero em sua evolução se revelando em resposta a multiplicidade e constante fragmentação do universo, não conseguindo unificar ou tipificar os objetos do corpo social. Esses inseridos em uma série de divisões (LEITE, 1987). Também argumentaremos sobre o romance aqui estudado, como fruto dessas revoluções, e suas características como correspondentes da própria evolução do gênero em suas multiplicidades de cores e formas.

Na segunda parte deste capítulo, discorreremos acerca da compreensão de Betty como ferramenta basilar para a instauração e eclosão dos conflitos em torno das casas, por entendermos a narradora como uma auxiliadora dos espaços marginais da chácara e, em consequência a essa ação, descobriremos o que algumas vozes tinham a dizer e revelar. Assim, as vozes subalternas da casa ganham força e posicionamento frente à tentativa de agressão constante por parte daqueles que lhes calaram por anos. Ainda traçamos linhas a respeito da divisão do seio familiar em grupos antagônicos, que se digladiavam em diversas tentativas de sabotagem, e compreenderemos que Betty, objeto de estudo desta pesquisa, é dotada de uma visão singular que nos permite a compreensão destes dois grupos, assim como suas motivações.

1 O SUJEITO E O OUTRO: A CONSTRUÇÃO DA SUBALTERNIDADE

1.1 O narrador contemporâneo e suas contribuições: Betty é a ponte para o conflito dos Meneses?

Entre as diversas transformações culturais e das quebras de paradigmas social e historicamente construídos, esteve à frente, o discurso. Seja com o discurso ou a necessidade de fala, existia uma inevitabilidade da ocupação de um espaço em contraposição com as ideias socialmente vigentes. Ao longo dos séculos XX e XXI, o mundo observou diversas mudanças e diferentes discursos engajados em casa uma delas. O processo de aceleração de tais mudanças acabou por modificar o homem, não simplesmente uma atitude comportamental, mas uma mudança em relação à leitura e crítica aos discursos.

A literatura, como outras representações artísticas, conversa com essas novas possibilidades de produção, que é fruto do atrito dos discursos nas esferas sociais, dando margem a mais produções literárias e, inseridas na obra literária, mais vozes dissonantes e conflitantes para, assim, subsistir uma necessidade de representação narrativa, da tomada de posição e do conseqüente silenciamento do outro.

Para Dalcastagnè (2005), na narrativa contemporânea não existe espaço para heróis ou gestos de generosidade, mas sim nos leva a uma composição narrativa mais conflitante, em que o narrador não está sob a posse do controle do universo criacional, que tudo sabe e exerce seu poder de domínio, muito pelo contrário, somos levados por ele a situações de dúvidas e mentiras, “[...] um narrador suspeito, seja porque tem a consciência embasada [...] seja porque possui interesses precisos e busca defendê-los” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 13). Porquanto, um narrador suspeito, está em intenso diálogo com o universo ficcional, impermeado de interesses, objetivos para defender e enganar ao leitor com uma ilusão de imparcialidade:

Plenamente cômicos do comprometimento ideológico de qualquer discurso, não há mais como dialogar com o mundo sem desconfiança, tampouco ter a pretensão da imparcialidade. Em meio a um emaranhado de discursos, somos levados a optar pelos que nos convêm e, é claro, a arcar com a responsabilidade da escolha. Esses narradores confusos, indecisos ou obstinados, quando não abertamente mentirosos, estão aí nos convidando a tomar partido e, assim que o fazemos, nos exibem quem somos. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14).

O narrador da modernidade coloca o sujeito leitor em constante confrontação com o objeto literário, é no campo ficcional que esse narrador nos coloca em posição de escolha entre tantos discursos presentes, tal escolha o revela. Dalcastagnè (2005) afirma que o narrador tradicional não abre espaço para questionamento, dono de si e dos rumos na narrativa, sua presença e seu poder sobre o destino das personagens é inquestionável. E na modernidade somos sujeitos em constante desconfiança em relação ao outro e seu discurso, com o narrador não seria diferente. Para tanto, a literatura contribuiu para essa formação de seres desconfiados, “e reconhecemos que entre nós e o narrado existe um intermediário, ou dois, ou vários” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15). Destarte, o mundo narrativo torna-se tão traiçoeiro quanto a realidade, em que Dalcastagnè (2005) afirma inexistir espaços para o estabelecimento de verdades inquestionáveis, mas para a imprevisibilidade desse mundo e dos discursos presentes entre a narrativa e o leitor.

No romance *Crônica da Casa Assassinada*, Lúcio Cardoso (2017) faz uma arquitetura de formas e sentidos intimamente ligados com seu poder prosaico. Habitam no romance uma tradicional família mineira, que enfrenta uma crescente decadência econômica e moral, e questionará seu espaço e seus valores tradicionais diante de uma rede de mentiras e disputas entre os personagens.

Entre confissões, cartas, diários e depoimentos, Cardoso (2017) cria um ambiente que é multiforme, questionador e confrontador das realidades postas, apontando ao longo da narrativa para diversas posições de seus muitos narradores, numa visão multiplicada do objeto literário. Nesse sentido, é oferecido ao leitor uma série de visões e representações daquilo que é acontecido no universo ficcional, assim há muitas possibilidades e verdades por parte daqueles que narram.

Dentre os muitos narradores, interessa-nos o olhar de Betty, que registra os acontecimentos transcorridos na Chácara em seus diários pessoais. Dalcastagnè (2012) discorre acerca da natureza desse narrador contemporâneo, que leva o leitor a uma narrativa mais conflitante, e ainda vai além ao afirmar “[...] a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende às personagens” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18). Para tanto, seria a ausência do produtor literário – a força motriz por trás do objeto narrativo –, a sua condição mais plural em seu meio traria ao texto uma carga mais diversa, um olhar mais atento a possibilidade de personagens de classes populares, que possibilitassem um universo romanesco mais coerente, até mais verossímil.

Todavia, o olhar de Betty se estabelece como singular; governanta da chácara, a personagem não pertence propriamente à família Meneses, e lança em seus diários um olhar plural, sem amarras de laços de sangue, obtendo uma visão mais livre do objeto narrativo. Para Dalcastagnè (2012), a narrativa contemporânea concede mais espaço a personagens de olhar e de fala mais diversificada, apesar da falta da representatividade autêntica, o lugar de fala, na produção do objeto literário. Assim, uma voz periférica, como a de Betty, é mais valorizada na contemporaneidade, mesmo presente na literatura brasileira anterior, não parecia haver um reconhecimento, a representação do limítrofe de maneira tão incisiva, e as suas reais contribuições para com o texto. O produtor literário antes talvez não dispusesse de todas as perceptivas, das reais compreensões adquiridas com o ato de fala de narradores como Betty.

A voz da narradora, objeto deste estudo, é inserida no romance em meio aos preparativos para a chegada da esposa do seu patrão, o Sr. Valdo, conhecendo-a em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, em um momento de vulnerabilidade social de Nina, pois ela acabara de perder o seu pai, seu único parente. Valdo, então, propõe casamento a Nina, que aceita o pedido, mas não vai de imediato a Minas Gerais em virtude de pendências no Rio. É diante desse contexto que a voz de Betty começa a narrar os acontecimentos transcorridos na chácara a respeito da família Meneses.

A narradora discorre acerca dos preparos e as expectativas em torno da chegada de Nina, uma bela mulher da cidade do Rio de Janeiro, com hábitos e costumes totalmente diferentes daqueles apregoados por uma família do interior de Minas Gerais. “Arrastamos móveis, sacudimos almofadas, descobrimos velhos objetos colocados fora de uso, e que, no entanto transmitiram à casa uma impressão de luxo discreto” (CARDOSO, 2017, p. 55). Para tanto, não seria simplesmente o preparo em receber a esposa do patrão, mas a mudança da rotina e objetos na casa, para aparentar um requinte de luxo ao ambiente da chácara, por tratar-se de Nina, uma mulher que saía de um centro urbano e cultural para viver no interior mineiro.

Pela atitude de Betty e suas descrições, é possível observar a voz silenciada da família, seria o receio dos padrões do que Nina encontraria na chácara, por isso a ordem a Betty e ao corpo de empregados para a arrumação do ambiente da casa, do contrário a personagem não tomaria tal atitude. Dalcastagnè (2012) diz que o produtor da arte e do objeto literário, como narrador, controlador das realidades por ele criadas, também sujeito das transformações, um ser desconfiado daquilo que lhe é posto, e questionador das possibilidades a ele apresentadas, também ele é portador de discursos e voz ativa no universo ficcional.

Todavia, o sujeito produtor de literatura contemporânea tem o interesse nas possibilidades de fala dos marginalizados, do que há a dizer e das consequências da voz dentro do campo ficcional. Ora, personagens como Betty eram meros coadjuvantes, a sua voz e as possibilidades de ação não eram lembradas e valorizadas no corpo do objeto literário e, como dito anteriormente, com embasamento em Dalcastagnè (2005), o narrador tradicional não abre espaço para o questionamento. Atos de fala de personagens/narradores contemporâneos como Betty nos mostram as mudanças no nível da estrutura e da técnica. Portanto, agora existem os questionamentos – como Betty indiretamente coloca em questão as atitudes dos padrões, lançando dúvidas a mesa – somente possível através da voz que antes era silenciada. Por esse motivo, o narrador contemporâneo nos leva a narrativas mais conflitantes.

Para tal posição de fala, existe a voz silenciada dentro da narrativa, na qual surge o problema da representação. O narrador moderno é dono de uma infinidade de situações, e cada uma delas apresenta vários discursos. Então seria o narrador um sujeito que pode falar por todos? Ou seria um sujeito que recorre a preceitos e preconceitos criados por ele para representar a voz silenciada na narrativa?

Dalcastagnè (2012) argumenta que a literatura entendida como uma forma de representação e os espaços de interesse e de perspectivas sociais interagem e se chocam, devemos nos questionar sobre quem é o outro, sua posição e o que esconde o seu silêncio. Assim, o problema da representatividade estaria em diversos grupos sociais e nos diversos discursos entremeados neles, o narrador contemporâneo acaba caindo na armadilha de falar do outro, falar em nome dele e sua construção representativa acaba por ser uma mera visão distorcida do marginalizado, uma anomalia da visão preestabelecida do narrador, e que não estaria necessariamente no seu objeto de fala, pelo próprio desconhecimento dessa voz silenciada. Por isso a necessidade de uma representação efetivamente exercida, no papel de construtor literário:

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas com uma notável limitação de perspectiva. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18).

Distante da possibilidade de ter em mãos o poder da fala, através da produção de literatura e de uma representação que converse com sua realidade, “[...] é comum que a legitimação se dê a partir da justificativa do maior esclarecimento, da maior competência, e até da maior eficiência social por parte daquele que fala. Ao outro, neste caso, resta calar” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18). O modo de falar do marginalizado não tem valor, logo não pode contribuir, a sua experiência para a construção narrativa não se faz usual. Logo, o outro tido por mais competente, melhor articulador no manuseio de texto literário, é o que fala, e detém o poder. Os sujeitos periféricos são silenciados por estes, tornam-se desprovidos de autenticidade e autoridade para falar e se posicionar em favor do outro.

A tais sujeitos resta calar e tornarem-se pitorescos, disformes, quase caricaturais na visão carregada de preceitos daquele que fala em seus nomes. Deveria ser uma maior abertura de espaços para vozes mais plurais, com personagens mais diversificados – tal qual a realidade que se busca retratar. Mas acabam por tornarem-se propriamente a potência no surgimento de mais estereótipos, que já os cercavam, com chances de uma representação e de um lugar de fala.

A narrativa de Betty em *Crônica da Casa Assassinada* (2017) parece ser desprovida de autenticidade e da competência por parte daquele que narra, sendo a narradora posta a margem de outras competências dentro do universo de Cardoso (2017). O leitor contemporâneo, já desconfiado das circunstâncias dos discursos em conflito e sendo a literatura um espaço representativo dessas disputas, já discutidas aqui (DALCASTAGNÈ, 2015; 2012) questionará o processo da competência dessa voz, que é governanta e subalterna aos Meneses. O interessante é observarmos o que é dito por Betty em seu primeiro diário, na primeira página:

Disse-me que não prestasse atenção, se Dona Nina não entendesse desde o começo qual era a minha posição perante a família, mesmo porque não era fácil a um recém-chegado adivinhar que eu não fazia parte da criadagem, e guardava uma situação distinta, de governanta, desde os tempos em que sua mãe era viva. (CARDOSO, 2017, p. 55).

A própria narradora preza por uma legitimidade da fala e do espaço, parecendo antecipar a desconfiança do leitor, que faria questionamento dos quais Dalcastagnè (2012, p. 76) elenca: “O processo começa pela nossa reação frente a esse sujeito que fala. Devemos aceitar o que ele diz só porque é o narrador, ou, ao contrário, desconfiar de suas palavras porque é apenas um menino?”. Nesse diálogo entre o leitor e narrador é que acontece o processo da (des)confiança frente aquilo que nos é dito, através daquele que nos diz, antes

apresenta-se como um “sujeito poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos por alguém que tropeça no discurso, esbarra em outras personagens, perde o fio da meada.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18). O discurso de Betty parece buscar uma legitimidade, além de uma relação próxima ao objeto de suas narrativas e, com isso, estabelece uma busca por maior credibilidade ao lidar com e descrever os Meneses, pois ela os conhecia de fato.

Apesar do aspecto marginal, existe na narrativa uma necessidade de autenticar a voz e o olhar de Betty, através da voz de Valdo, patrão e autoridade da casa, distinguindo-a dos demais que compunham o restante da criadagem da chácara, colocando-a em uma posição de autoridade e de relação íntima com os membros da família Meneses. “Mas é um modo particular desta família, o de evidenciar quando alguma coisa não corre bem, refugiando-se nos quartos” (CARDOSO, 2017, p. 55). Assumida a posição, a autoridade da voz de Betty muda e ganha outro significado, parece conhecer e descrever a rotina na chácara e ainda entender os que nela vivem.

Ela se estabelece diante da narrativa como uma voz de autoridade e autenticidade pelo próprio conhecimento com sua lida em meio as singulares criaturas que compõem o aspecto dessa família. Diante da testemunha do objeto narrativo, a personagem ganha corpo e voz ativa no estabelecimento de sua principal função prestada à família Meneses, indo muito além da prestação de serviço como governanta e zeladora da chácara, transmutando-se numa espécie de diplomata, entre forças as antagônicas, digladiando-se no seio familiar. Essas ações são muito atuantes, haja vista serem movidas por um sentimento da constante sabotagem para com o outro, configurando-se em dois níveis de atuação no romance: a do desejo pela continuidade de tradições ameaçadas, e a da ânsia pela aniquilação destas em virtude do estabelecimento de outras.

A personagem Betty é o canal de conversação entre os lados em guerra, é mediadora das partes conflitantes, é ela, todavia, enquanto “diplomata” que estabelecerá relações com esses grupos, sendo testemunha e voz ativa nas disputas, muitas vezes auxiliando a uma das partes em detrimento da outra, e por isso é reivindicada a assumir uma posição pessoal diante do contexto familiar. Esses grupos antagônicos se situam entre duas vontades anteriormente citadas: 1) a primeira parte do desejo da manutenção de certas tradições que lhe são caras, como a tentativa dos Meneses de se estabelecerem como uma família importante e influente, mesmo diante de uma crescente crise econômica e de valores morais, que obtém nas figuras de Demétrio, Valdo e Ana seus representantes; 2) o segundo grupo está interessado justamente no avesso, é do seu desejo a ruína completa de tudo quanto é representativo ao

nome dos Meneses, a destruição de uma falsa moral pregada por Demétrio, através de um movimento pactual entre Timóteo e Nina.

A narradora é a única a ter acesso aos ambientes dotados de uma áurea de obscuridade – obscuros não pela negatividade, mas sim pela ausência de memória e presença – em que se esconde (para alguns) a vergonha dos Meneses, o grande afronte a soberania moral da família. Mais especificamente, referimo-nos ao quarto de Timóteo, uma das mais notáveis presenças da chácara, criatura singular, facilmente destacável em meio ao cinza opaco, muito característico da composição da fisionomia e do aspecto das personalidades com quem compartilha o teto.

Desse modo, sua constituição não é convencional, fazendo-se, aos olhos de seus irmãos, a mais vil e torpe das criaturas da casa, devendo ser esquecido e desprezado em seu exílio de longos anos no quarto. Sem comunicação com os Meneses, Timóteo observa o comando da casa ser tomado por seus irmãos Valdo e Demétrio. Agora direcionadores dos rumos da família, ditavam e comandavam a casa em seu momento mais difícil, fragilizados pela decadência moral e econômica. Agiam em seu dever, sem notar o organismo vivo, condensando-se numa inflamação carregada de fúria, em seu refúgio fúnebre, à espera de sua chance de voz e da representação de seus interesses.

A voz que rompe e sai do quarto, em meio a escuridão e ao esquecimento que compõem aquele ambiente, tem apenas um único endereço, a pessoa de Betty, “Um grande silêncio desceu sobre a casa e, sozinha, já começava outro serviço quando ouvi um ‘psiu’ insistente, e uma voz que me chamava: Betty! Betty!” (CARDOSO, 2017, p. 56). Ela era designada pelos insistentes pedidos, a tarefa de tratar com aquele que deveria ser esquecido e varrido da memória da casa. Embora estivesse em uma condição de limitação pelas ordens dos patrões de jamais atender a qualquer chamado de Timóteo, e também por tratar-se de um dever demasiado desgastante para ela, e para qualquer membro da família, a missão de adentrar no habitat daquele ser humano, que a própria julgava já tão estereotipado, era já uma revolução:

Não sei direito o que colocara sobre a cabeça, assemelhava-se mais a um turbante ou a um chapéu sem abas, de onde saíam vigorosas mechas de cabelos alourados. Como era de costume seu também, trazia o rosto pintado – e para isto, bem como para a suas vestimentas, apoderara-se de todo o guarda-roupa deixado por sua mãe, também em sua época famosa pela extravagância com que se vestia – o que também fazia sobressair-lhe o nariz enorme, tão característico dos Meneses. [...] Ainda daquela vez pude constatar a bizarrice dos costumes que constituíam as leis mais ou menos

constantes do seu mundo: ao me aproximar, verifiquei que o Sr. Timóteo, gordo e suado, trajava um vestido de franjas e lantejoulas que pertenceram à sua mãe. (CARDOSO, 2017, p. 56).

Timóteo é descrito como um sujeito obeso e de vestes extravagantes, homossexual que era, trajava roupas e joias de sua falecida mãe, sobrevivendo em seu exílio, na excentricidade daquele mundo composto por ele mesmo, que concomitantemente era a sua liberdade e prisão. Timóteo, claro, rompera com a família, devido a sua personalidade forte, e por todos os arranjos e as estruturas singulares que constituíam seu ser, não compatíveis aos costumes e comportamentos típicos de uma importante família do interior mineiro. Mas seu nariz adunco e marcante denunciava o rastro do sangue dos Meneses em suas veias.

Todavia, tomou posse do monstro que fizeram a seu respeito, “Passeio-me tal como quero, ataviado e livre, mais ai de mim, é dentro de uma jaula que o faço. É essa a única liberdade que possuímos integral: a de sermos monstros para nós mesmos” (CARDOSO, 2017, p. 59), incorporou-se ao espírito do acusador, ao condensar-se em uma representação de uma funcionalidade objetiva de assustar e punir aqueles que não o entendem. Betty, nesse sentindo, enxerga Timóteo muito além das vestes exóticas; “Para mim, o Sr. Timóteo era mais um caso de curiosidade do que mesmo de perversão – ou de outra coisa qualquer que o chamem” (CARDOSO, 2017, p. 56), exercendo sua função de narradora aos moldes da discussão anteriormente, citados em Dalcastagnè (2005; 2012), entendendo que sem Betty não conheceríamos Timóteo, e sem a presença de narradores como Betty, não contemplaríamos o fascínio do heteróclito e do absurdo de uma vida como a de Timóteo em uma narrativa.

A contemporaneidade é quem não somente permite enredos mais heterogêneos, mas exige-os. A voz daquele que narra de espaços antes marginalizados, nos surpreendem pelas perspectivas apresentadas, onde antes era inóspito. Assim, Betty em seu contato não releva tão somente a Timóteo, mas aquilo que traz consigo, a memória e as lembranças da família, que sem ele, teriam como destino o esquecimento ao longo do tempo:

— Depois que resolvi ser independente... Betty, você não acredita que se possa atender às puras vozes do sangue?

— Como assim, Sr. Timóteo? – e não havia fingimento e nem falso pasmo em minha pergunta.

Seus olhos velaram-se de súbita gravidade:

— Sou dominado pelo espírito de Maria Sinhá. Você nunca ouviu falar de Maria Sinhá, Betty?

— Nunca Sr. Timóteo. Não se esqueça de que estou nesta casa há poucos anos. Além do mais, falar não é o forte da família.

- Tem razão, Betty, você tem sempre razão. É a vantagem das pessoas simples.
- Quem foi então Maria Sinhá?
- Oh – começou ele, e sua voz traía uma emoção sincera –, foi a mais nobre, a mais pura, a mais incompreendida de nossas antepassadas. Era tia de minha mãe, e foi o assombro de sua época. (CARDOSO, 2017, p. 57).

Essa rememoração do passado é possível graças a posição de fala da narradora, na qual somente ela faria contato com o exilado Timóteo. Para tanto, a família não mantinha comunicação com o ser que habitava aquele quarto esquecido da chácara, somente a voz da narradora nos descreveria tal personalidade e nos levaria a ela. Através de Betty, é possível conhecermos Timóteo e suas construções familiares, como a rememoração da parenta falecida Maria Sinhá, jamais lembrada por seus parentes, que pretendiam esquecer esse passado. As figuras de Timóteo e Maria Sinhá são entendidas como ameaça, porque traziam à tona a sombra vigilante da degradação moral que pairava sobre os Meneses, tão temida por Demétrio, construtor voraz da manutenção de um arcaísmo vazio e hipócrita, tentando silenciar um passado perturbador:

- Maria Sinhá vestia-se de homem, fazia longos estirões a cavalo, ia de Fundão a Queimados em menos tempo do que o melhor dos cavaleiros da fazenda. Dizem que usava chicote com cabo de ouro, e com ele vergastava todos os escravos que encontrava em seu caminho. Ninguém da família jamais a entendeu, e ela acabou morrendo abandonada, num quarto escuro da velha Fazenda Santa Eulália, na serra do Baú.
- Nunca ouvi falar nisto – garanti, convicta de que se tratava de uma história puramente inventada
- Quem – tornou ele com uma breve risada –, quem nesta casa ousaria falar nisto senão eu? Durante muitos anos, no tempo em que menino, existia na sala, mesmo por cima do aparador grande, o retrato dela – e tinha um laço de crepe passando em torno da moldura. [...] Depois que comecei a manifestar a isso que chamam escrupulosamente de minhas “tendências”, Demétrio mandou esconder o retrato no porão. (CARDOSO, 2017, pp. 57, 58).

As vozes marginais da narrativa de Cardoso (2017) parecem clamar umas às outras, por espaço e voz, em busca de uma representatividade, a legitimidade de ser ouvido e, advindo desses gritos de apelos, a confrontação com as realidades postas, numa composição muito mais conflitante do universo romanesco. É na reorganização do tempo e na ideia comparativa que subsistem a perspectiva e o sentido prático da sua compreensão como indivíduo. Em Maria Sinhá, vestida de homem com chicote em mãos, e na autenticidade das histórias ouvidas, existe a confirmação de uma existência igual a sua, uma correspondência de

sangues e de identidades incompreendidas. “Só aí terei forças para gritar: Estão vendo? Tudo o que desprezo em mim é sangue dos Meneses” (CARDOSO, 2017, p. 59). Uma tendência a ser “o assombro de sua época”, era “manifestação de suas tendências” correspondidas em suas veias, uma lembrança que lhe é negada, quando Demétrio retira o único ponto de acesso, a sua parente falecida, e sepulta no porão o passado que deveria ser esquecido.

Timóteo apoderava-se do espírito de Maria Sinhá em sua prisão de dor e incompreensão, enxerga em Betty a oportunidade do escape, do desabafo e o contato com o mundo. O alvo de suas conversas não compreende aquele ser rodeado de fascínio e de mistério, e nem os motivos que a elegeram para tais rumos, “e eu, pobre governanta, habituada somente a conduzir o movimento da casa, como poderia sancionar a validade daqueles paradoxos?” (CARDOSO, 2017, p. 61). Betty atua como uma ponte para esse submundo dos Meneses, no sentido da complexidade dos seres que ocupam esses espaços.

É a narradora, portanto, a via de contato, fonte do desabafo e da mediação, para com esses personagens, e seu elo. A própria, em sua consciência, parece perder-se nos limites de seu papel, se descreve como incapacitada para lidar com questões complexas, reafirmando um espaço antes ocupado, ao passo que concomitantemente é ela carregada de uma função de poder, tendo efetivamente, na prática da narrativa, a atuação de brecha e responsabilidade por uma revolução, mesmo sem ter consciência direta. A finalidade objetiva da conversa era a admissão daquela que chegaria à chácara, já causando efervescência entre os moradores de Vila Velha, pela beleza e por sua origem carioca:

— Betty, queria lhe pedir um favor.

— Se estiver ao meu alcance...

Diante dos meus olhos, implacavelmente nítidas, achavam-se gravadas as recomendações do Sr. Demétrio.

— Está sim, está ao seu alcance – insistiu ele. E esclareceu, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa: Quero vê-la, Betty, preciso vê-la assim que ela chegar. Você promete transmitir-lhe um recado meu?

Hesitei, mas como seus olhos não abandonassem os meus, concordei:

— Prometo.

— Obrigado, Betty, obrigado – e um suspiro de alívio escapou-lhe do peito.

— Quero apenas que você vá ao seu encontro e diga: “Uma pessoa deseja vê-la o mais breve possível, a fim de tratar de assunto da mais extrema importância.”

— Só isto?

— Só isto. Você jura que não se esquecerá das minhas palavras?

Estendi a minha mão:

— Juro

Despedimo-nos sobre este juramento. (CARDOSO, 2017, p. 63).

Inserida nesse círculo de confrontação entre as forças atuantes da chácara, a promessa feita a Timóteo é uma desobediência direta aos patrões, que a queriam longe do irmão, sem atender a nenhum de seus pedidos. É dessa perspectiva, em grande parte, a posição da narradora, sentindo-se pressionada entre os campos antagônicos: por um lado, Timóteo tentando manter comunicação; por outro, as recomendações para não encontrar-se ou manter qualquer tipo de relação como o irmão. Mas é ela, entretanto, a voz emprestada para o alcance de espaços inacessíveis em suas condições, é aquela que fala aonde não seria possível ir. Betty, em certo sentido, é um sujeito limítrofe na geografia da chácara, é voz reivindicadora e transmissora, da parte daquele sujeito também marginalizado, em uma conexão na narrativa, somando forças para o acesso e o direito a voz.

Betty é, portanto, a fresta utilizada para a ação, o artifício narrativo para a conexão de espaços antes inimagináveis, levando a um universo romanesco mais conflitante. Aquele que deveria ser esquecido e preso é, para a narradora, um ponto de diálogo, e a possibilidade e o contato com Nina, uma potencial aliada dos interesses de Timóteo em relação a família, corroborando a ideia de que “toda narrativa é um ardente campo de batalha, onde se disputam o direito de contar a própria história” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 17). Timóteo luta contra todas as suas impossibilidades, pelo direito a voz e ao contato com o mundo exterior, uma luta pela autenticidade de fala e da própria identidade, e a presença na narrativa notada. Para Dalcastagnè (2005), cada personagem assume seu lugar e utiliza suas ferramentas antes do início da batalha, nessa perspectiva, Betty assume uma posição entre os marginais da narrativa de Cardoso (2017)? Pode ela falar pelos subalternos?

1.2 Por que Betty pode falar?

A constituição de poderes políticos, discursivos, religiosos e etc., moldaram a realidade e o estabelecimento do campo das relações sociais, em consequência a esses fatores, o surgimento de povos com culturas mais estabelecidas e fixadas no alicerce daquilo que denominamos como civilização. No coração dessa fundação, a Europa em seu processo civilizatório e histórico, foi a instituição cívica e cultural – através de uma vantagem tecnológica – a conseguir a estabilidade e supremacia mundial.

A manutenção e a expansão do domínio do continente deram-se por meio da exploração marítima e contato com outras civilizações, não somente para o estabelecimento

de relações comerciais ou um interesse cultural/científico por aqueles povos, mas para uma implementação de domínio e o desejo de colonizar essas terras. Entende-se, muitas vezes, o processo de colonização como uma exploração e apropriação de terras em que originalmente não há pertencimento, mas não se resume somente a esses fatores. Existe também uma colonização cultural, por exemplo: na imposição de uma língua europeia em detrimento da língua nativa, e na própria ação da colonização análoga a pré-mediação da vontade desses povos.

Almeida (*apud* SPIVAK, 2010) em seu texto, prefácio ao artigo de Spivak “Pode o subalterno falar?”, de tradução da mesma, elenca acerca da pergunta que a indiana propôs em seu estudo, do sujeito subalterno, de sua natureza e vontade política (se fosse ouvida), em contraponto a uma série de pressões impostas por países imperialistas. A pergunta seria: o subalterno, pode falar? “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro” (SPIVAK, 2010, p. 47). Para tanto, esse processo de colonização e apropriação cultural é o início de um movimento intelectual europeu ou do primeiro mundo, que se via como Sujeito, e o indivíduo colonizado e de terceiro mundo como o Outro, o que perpetuou historicamente uma cadeia de opressão a esse Outro, que restava calar.

Spivak (2010) tem a preocupação de teorizar a respeito da outridade, não podendo ser condensada em uma esfera homogênea, e invariavelmente constituí-se heterogêneo, fugindo de uma leitura mais simplista e reprodutora das mesmas opressões historicamente marcadas, partidas dessa necessidade de um intermediador que lê-se o indivíduo subalterno, sem ele próprio ter acesso a voz. Almeida (*apud* SPIVAK, 2010) ainda destaca a preocupação de Spivak em relação à própria aplicação do termo subalterno, erroneamente atribuído a todo sujeito marginalizado, para o propósito de resgatar e ressignificar o termo, na finalidade de ser empregado a algo mais próximo a ideia de um sujeito impossibilitado de ter voz, aquele que não fala. Para Almeida (*apud* SPIVAK, 2010), a relevância do texto da pesquisadora indiana, seria a questão da necessidade do indivíduo subalterno ter de recorrer a um discurso hegemônico para ter acesso a voz:

Seu influente artigo procura, por outro lado, questionar a posição do intelectual pós-colonial ao explicitar que nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico. Dessa forma, Spivak desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno

silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. (ALMEIDA, 2010 *apud* SPIVAK, p. 12).

O que Spivak argumenta é a cumplicidade dos intelectuais pós-coloniais – com críticas mais contundentes a Foucault e Derrida – de formularem uma resistência em nome desses sujeitos subalternos, uma fala por aqueles ditos marginais, um discurso que volta o olhar para esse indivíduo e suas questões de natureza política. E, todavia, continuam sem voz e posição, tendem a recorrer a discursos hegemônicos que, por si mesmos, são reprodutores das mesmas estruturas de opressão e silenciamento, por parte daqueles praticados pelo imperialismo colonial. “Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido” (ALMEIDA, 2010 *apud* SPIVAK, p. 12). Porquanto, Almeida (2010) ainda coloca a preocupação de Spivak sobre os riscos da constituição desse Outro como objeto de conhecimento e pluralidade acadêmica por parte de intelectuais que têm o interesse de falar simplesmente por esse Outro.

Spivak (2010), em seu importante artigo, alerta acerca das violências e das opressões a povos e culturas subalternas, através de um projeto imperialista de primeiro mundo, que vê-se como Eu e lança olhar as colônias e a ver como o Outro, além da cumplicidade de intelectuais que pensam falar por esse sujeito subalterno, mas que acabam por reproduzir as mesmas violências e contribuir para o seu silenciamento. Segundo Almeida (*apud* SPIVAK, 2010), o artigo da indiana não deve ser lido de forma literal, como se o subalterno, literalmente, não soubesse falar, o que de fato sabe. Mas o alerta de Spivak é que “[...] o processo de autorrepresentação do sujeito subalterno também não se efetua” (ALMEIDA, 2010 *apud* SPIVAK, p. 14) assim sendo, sua voz não continua sem ser ouvida.

Para exemplificar sua teorização sobre a violência epistêmica sofrida pelo sujeito subalterno, Spivak vai além, ao falar sobre o sujeito feminino, “[...] a questão da “mulher” parece ser ainda a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (SPIVAK, 2010, p. 85). Em virtude das questões de gênero, a mulher acaba por ser envolvida no processo de silenciamento de diversas maneiras, e com consequências ainda mais abrangentes e sérias, em um contexto marcadamente pós-colonial e patriarcal.

Spivak (2010) adverte que ambos os objetos são membros da historiografia colonialista e sujeitos do silenciamento, mas que a construção ideológica de gênero mantém o

domínio masculino. “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85). Apesar da participação de ambos na produção colonial, o sujeito subalterno feminino está ainda esquecido na escuridão, pela hegemonia do domínio social masculino e, às vezes, envolvido de duas ou três vezes maneiras diferentes nesse processo. Spivak (2010) ainda reflete sobre a história das mulheres indianas e a imolação das viúvas em um ritual da lei hindu, denominado Sati:

A viúva hindu sobe à pira funerária do marido morto e imola-se sobre ela. Esse é o sacrifício da viúva – a transcrição convencional da palavra sânscrita para a viúva seria sati. Os primeiros colonos britânicos a transcreveram como sutte. O ritual não praticado universalmente e não era relegado a uma casta ou classe. A abolição desse ritual pelos britânicos foi geralmente compreendida como um caso de “homens brancos salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura”. As mulheres brancas – desde os registros missionários britânicos do século 19 até Mary Daly – não produziram uma interpretação alternativa. Em oposição a essa visão está o argumento indiano nativo – uma paródia da nostalgia pelas origens perdidas: “As mulheres queriam morrer.” (SPIVAK, 2010, p. 94)

O exemplo do sacrifício das viúvas nos oferece um exercício de reflexão acerca do sujeito subalterno e a violência praticada para com ele. Para Spivak (2010), existe uma voz diante desse contexto, mas ela não é percebida ou ouvida, “[...] Spivak exemplifica seu argumento de que o subalterno, nesse caso em especial, a mulher como subalterna, não pode falar, e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (ALMEIDA, 2010, p. 14). Todavia, a agressão dos britânicos a prática colonial era vista pelo prisma imperialista como um ato de salvação diante da posição cultural da colônia, tida como injusta, incoerente e incompreensiva.

Como Spivak (2019) muito bem esclarece, os registros destacam o ato de salvação daquelas mulheres presas a ritos e dogmas culturalmente praticados por toda a comunidade, um sacrifício desnecessário, mas que não atentam para a voz daquelas próprias mulheres. “Ao passar os olhos pelos nomes grotescamente mal transcritos dessas mulheres – as viúvas sacrificadas – nos relatos policiais incluídos nos registros [...] não se pode destacar uma “voz”. (SPIVAK, 2010, p. 94). A voz daquelas mulheres não tem um único acesso, onde possam ser ouvidas, em contraponto com ato de salvação por parte dos britânicos, existe uma vontade não questionada, um direito silenciado, aquelas mulheres queriam morrer.

O texto da pesquisadora indiana é uma importante contribuição para a reflexão sobre posição e a voz dos sujeitos subalternos, bem como uma fundamental análise sobre o papel do intelectual e da produção cultural, em sua função de criar meios nos quais possibilitem que os sujeitos historicamente marginalizados, tenham acesso a voz. Nossa discussão adentra agora, no papel da narradora Betty, refletindo sobre sua própria subalternidade e de sua função na narrativa, como ferramenta facilitadora para o preenchimento dos espaços ocupados pelos personagens marginalizados, somente possíveis através de sua ação e perspectiva. Todavia, sua ação como auxiliadora e ponte para o surgimento de discursos e posições historicamente agredidas, é um reflexo da discussão anterior, no tocante ao narrador contemporâneo como instrumento para uma eclosão de narrativas mais conflituosas e questionadoras da realidade vigente.

Betty, diferentemente das viúvas hindus em seus rituais de imolação discutidos por Spivak (2010), não somente tem acesso a voz, mas é ela parte fundamental de uma construção narrativa, é ela própria a criadora de uma realidade que de fato a representa, pois a fala é dela. Porquanto, em ambos os casos, existe a subalternidade. Diante disso, o que Betty narra, é fiel à pluralidade das realidades, mais parecido com a versão silenciada das viúvas em seu sacrifício, em que Spivak (2010) destaca que a sua vontade de morrer não era ouvida, prevalecendo a voz do colonizador. Neste sentido, a voz de Betty como narradora abre espaço e faz ponte, por exemplo, com a fala de Timóteo, constituindo um universo mais imbricado. Fazendo da necessidade de um prisma como o da narradora, a chance do surgimento de olhares, perspectivas e discursos que somente um olhar subalterno como o de Betty pode oferecer, porque ele não tem a necessidade de agredir e silenciar o outro.

Betty em suas narrativas, oferece ao conjunto do romance um olhar mais imparcial dos acontecimentos transcorridos na chácara, por não ter laços sanguíneos com os Meneses e por não ter o interesse no objeto de sua narração ao ponto de mudar ou privilegiar um discurso em detrimento do outro. É a reflexão de Spivak (2010), ao elencar sobre os sujeitos subalternos e a obscuridade dos sujeitos femininos subalternos duplamente envolvidos – como acontece com Betty – que sofrem uma maior agressão e conseqüente silenciamento.

Por que Betty, diante de tantos fatores – como sujeito colonizado e duplamente envolvido na violência epistêmica – pode falar? Pela urgência da literatura contemporânea em oferecer um discurso e uma fala que mantenha distância daquela proposta por um sujeito imperialista. A narratividade de Betty é uma abertura à fala e ao posicionamento dos sujeitos silenciados, e o que eles têm a dizer gera uma oportunidade de contextos mais controversos e

o surgimento dos questionamentos, das dúvidas, dos desentendimentos. Esses, impossíveis de ocorrerem em um discurso que enxerga o próximo como o Outro a ser silenciado:

Sem dúvida ela era sincera, pois nunca vivera no interior e aquela paisagem baixa, de grandes descampados ressecados pelo estio, não lhe dizia coisa alguma, e nem lhe despertava nada além de uma verídica angústia. Creio mesmo que foi essa aversão, propalada inúmeras vezes, e em todos os tons de vozes, que para sempre levantou os alicerces do desentendimento entre a patroa e o Sr. Demétrio, de natureza tão arraigadamente mineira. Mais do que isto: mais do que o seu estado natal, amava ele a chácara, que aos seus olhos representava a tradição e a dignidade dos costumes mineiros – segundo ele, os únicos realmente autênticos existentes no Brasil. “Pode falar de mim” costumava dizer, “mas não ataquem esta casa. Vem ela do Império, e representa várias gerações de Meneses que aqui vieram com altaneira e dignidade”. (CARDOSO, 2017, p. 65).

[...]

— Desculpe, Nina, mas é que todos aqueles chapéus e vestidos são inúteis na roça. Você sabe que estamos na roça, não sabe? Aqui – ele apontou com um gesto displicente – as mulheres se vestem como Ana.

A patroa não pode deixar de olhar a pessoa que ele designava, e acho também que foi desde aí, desse olhar largado de alto e cheio de espantoso desdém que a inimizade para sempre surgiu entre ambas. De pé, um pouco afastada da mesa, um sorriso assomou-lhe aos lábios – e continha ele todo o veneno existente nesse mundo. Dona Ana, sentada, sofria aquele exame de cabeça baixa: vestia-se com um vestido de um preto desbotado, sem enfeites, e inteiramente fora de moda. Após esse rápido exame, Dona Nina devia se ter dado por satisfeita, pois sem responder, sem sequer dignar-se voltar a vista para o Sr. Demétrio, levantou a cabeça e abandonou a sala. (op. cit., p. 68).

Nos trechos acima descritos por Betty, situam-se no momento da recepção da família Meneses a Nina, recém-chegada do Rio de Janeiro, para casar-se com Valdo. A narração perpassa os acontecimentos que se deram durante a receptibilidade a nova patroa, pormenorizado em múltiplos detalhes. Dona de um ângulo mais ampliado, oferecendo-lhe um panorama mais minucioso do seu objeto narrativo, a narradora relata o encontro de Nina com a sua família e com as reações dos habitantes da chácara, ante a discrepância do que a nova Meneses representava, em contrapartida aos costumes de uma vida na roça.

A própria narradora ainda destaca a sua posição subalterna na solenidade para a chegada da patroa: “Estávamos enfileirados diante dela, o Sr. Demétrio, Dona Ana e o Sr. Valdo um pouco à frente, eu logo depois, como convinha à dignidade do meu cargo [...]” (CARDOSO, 2017, p. 63), assim como a sua colocação como observadora dos episódios que transcorriam na chácara: “Assim mesmo, enquanto trabalhava, pude acompanhar todos os

detalhes da recepção”. (CARDOSO, 2017, p. 63). Relatos que parecem ter o desejo de atribuir autenticidade a sua fala, não por sua posição de prestígio e autoridade de fala, mas justamente o oposto, pelo seu exercício de sujeito subalterno, esclarecendo que uma fala e um posicionamento como o seu, oferece um discurso mais claro e atento aos sujeitos subalternos, pois é um próprio que o fala.

Ao dizer que observa enquanto trabalha, Betty destaca a sua angulação diante dos acontecimentos, mais distante do objeto narrativo – afastada de sua influência e distorção dos fatos – mas espectadora do enredo dos Meneses, é construtora de um relato único e decisivo para o rumo daquela família. É interessante destacar que a construção do romance de Cardoso (2017) é um copilado de diários, narrativas, depoimentos e cartas de diversos personagens, ou seja, diferentes formas e perspectivas do objeto narrativo, todos eles cheios de vontade e interesse em seus discursos, e inseridos no cerne da questão, dispostos a manipular os fatos.

É comum ao longo do romance, para o mesmo acontecimento, termos diversas noções sobre o que de fato aconteceu e influenciados pelas suas próprias emoções derramadas nas narrativas. É o que Spivak (2010) discorre quanto a mecânica da constituição do Outro, em que “Podemos usá-la para obter uma vantagem muito mais analítica e intervencionista do que as invocações sobre a ‘autenticidade’ do Outro” (SPIVAK, 2010, p. 94). Mas a narrativa da chegada de Nina a chácara, tem apenas um olhar, o de Betty. Não temos, portanto, as visões e fala de Demétrio – esse em específico, sequer tem voz no romance –, Valdo, Nina e de Ana, temos a fala de um sujeito subalterno feminino, diante de tantos silenciamentos históricos, tem acesso a voz e a um palco descortinado, afastada da mecânica da constituição do outro, das dissimulações, mas próxima daquilo que podemos chamar de “realidade”. Para tanto, Betty estaria mais próxima de escutar o clamor das viúvas, as que queriam morrer.

Na prática, a narratividade de Betty, oferece ao observador um panorama mais claro e autêntico das confrontações do universo romanesco. Por exemplo, quando Betty narra em relação, segundo sua percepção, ao que seria a angústia de Nina em relação a paisagem de “grandes descampados ressecados”, envolvendo a chácara e constituíam parte do novo ambiente, para ela era uma representação de inquietude e tédio, de alguém habituado a uma vida em um grande centro do país. A medida de sua descrição expõe sua concepção da maneira como Nina encarava a chácara e toda sua representação, coloca em questão as reações de Demétrio, homem defensor das tradições e de tudo o quanto a chácara representava aos Meneses, sinônimo do prestígio e da manutenção dos costumes mineiros mais autênticos, e das marcas de uma origem europeia, representante de seu orgulho.

Betty ainda relata os questionamentos impostos por Demétrio em relação as vestimentas de Nina, seus chapéus, vestidos – todos ao rigor da moda da época – para ele inúteis em seu uso na chácara, ainda estabelecendo uma comparação com sua esposa Ana que, segundo ele, vestia-se de maneira discreta e ao costume da tradição mineira. Para Betty, todas essas discussões, logo na chegada de Nina à chácara, é o cerne de todo o desentendimento entre os familiares. A aversão a tudo o quanto o outro representava constitui a criação do universo que compunha a chácara dos Meneses.

Betty fala, pela simples inevitabilidade da pluralidade de seu discurso e a diversidade de espaços em sua narrativa. Oferece lugar ao sujeito de discurso imperialista que vê no Outro a oportunidade de silenciá-lo – referenciados aqui na figura de Demétrio – quando impede visitas de Betty ao quarto de Timóteo ou quando manda para o porão o retrato de Maria Sinhá; assim como cede espaço aos sujeitos subalternos – nas figuras de Nina e Timóteo – que clamam a narradora pelo direito de fala. Betty constituída como sujeito subalterno, pelo próprio pertencimento ao grupo denominado de Outro, e duplamente na obscuridade por tratar-se de uma mulher, segundo Spivak (2010), fala pela vontade da caracterização de uma realidade que esteja distante da pautada na agressão ao sujeito colonizado, que o entende como Outro. Existe em sua narrativa a diversidade e inexistente a tentativa de silenciar o Outro. Betty fala por que as vozes subalternas da casa assassinada precisam ser ouvidas, somente ela escuta.

2 O CONFLITO ENTRE PARTIDOS

2.1 Inaugurando um outro gênero de vida

A escrita de um texto de cunho literário/poético coloca o autor em eterna negociação com sua posição e objetividade de fala para com o objeto da sua produção. Leite (1987), ao discutir as ideias de Wolfgang Kayser acerca do narrador – na poesia épica – retoma a ideia primitiva de que este narra como quem discursava para alguém num auditório e, assim, acabava colocando-se distante dos acontecimentos. Com o estabelecimento do romance, também mudou a relação entre aquele que nos fala e o objeto narrativo, “não se trata mais de falar a um público reunido à sua volta – do qual se aproximam as mesmas experiências e os mesmos valores –; aqui, o narrador fala pessoalmente para um leitor também pessoal [...]” (LEITE, 1987, p. 11). Fala a uma sociedade mais dividida a um leitor individual e único, e não para uma coletividade universal que compartilha dos mesmos princípios.

Segundo Leite (1987), na Epopeia existia uma visão de coletividade, mantendo-se mais afastado do universo que era objeto de sua narração. No romance muda a sociedade, que é mais fragmentada e não compartilha mais dos mesmos mitos e dogmas morais. Muda também estabelecimento de sua relação com o universo ficcional, os heróis ficam de lado e abrem espaço para o cotidiano de um homem simples:

Já o narrador do romance – quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis – perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados. (LEITE, 1987, p. 12).

Existe, para tanto, uma espécie de autorreconhecimento do que é posto no texto narrativo, uma identidade mais correlacionada com suas experiências e expectativas mais pautadas diante de seu mundo, e não mais de uma idealização do heroísmo revestido de grande capacidade e inalcançável ao sujeito comum. O romance no século XIX e XX obtém um maior aprofundamento de todos esses mecanismos, atinge uma maior potencialidade enquanto gênero e advindo disto, uma intensa fragmentação de seus recursos narrativos:

[...] o romance também sofre, neste século, alterações análogas: abala-se a cronologia, fundem-se passado, presente, futuro, estremece os planos da consciência e o onírico invade a realidade; assume-se e se expõe o relativo na nossa percepção do espaço e do tempo; desmascaram-se o “mundo epidérmico do senso comum”, denunciado como simples aparência; a distensão temporal é revirada do avesso, pela fusão do presente, do passado e do futuro pela criação de uma simultaneidade que altera radicalmente não apenas as estruturas narrativas mas também a composição da própria frase que perde seus nexos lógicos. (LEITE, 1987, p. 72)

Para Leite (1987), na verdade, seria a fragmentação da narrativa em múltiplos centros, e o leitor como parte desse novo rumo do gênero, passa a ser desconfiado de visões homogêneas, sejam elas de que natureza for. O sujeito agora observa o universo fracionado e caótico, “nem a religião nem a ciência conseguem mais apaziguar a nossa insegurança e nossa desconfiança” (LEITE, 1987, p. 71) a tudo o quanto nos rodeia.

O romance se situa sobre rupturas e na expansão como gênero que, para além da técnica, muda o contexto das múltiplas possibilidades que surgem diante de um texto literário e, com isso, muitas possibilidades da reorganização de tantas mudanças, a nível cronológico e de narrativa. O tempo e o espaço se condensam, reagrupando e transformando o gênero que ganha em complexidade e diversidade nas formas e nas maneiras de exteriorizarem a criação literária.

Fruto dessas transformações, nos aspectos e nas formas do gênero, e na própria expressão do mundo contemporâneo – como discutimos anteriormente – em que o sujeito enxerga o universo de forma caótica, encontra-se um romance situado no seio de tais mudanças, *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso (2017), que toma parte da contemporaneidade e compartilha de um universo caótico, conflituoso e cheio de desconfianças para com o próximo. O universo criado por Cardoso (2017) é constituído por diversas presenças e vozes que ecoam e lutam por espaços, com seus inúmeros narradores – uns em seu ofício de narrar aquilo que seus olhos testemunharam, outros em que observamos mais a necessidade de comunicação do que propriamente o ato narrativo.

É, todavia, em uma gama de depoimentos, cartas e diários que Cardoso (2017) organiza um universo caótico, sem obedecer a uma cronologia, mas a uma pura desordem que se assemelha ao pensamento e sua não-linearidade, na colocação das vozes; ora no futuro, ora no presente, ora em um espaço/tempo da sua própria consciência. Diante de tantas vozes atuantes no universo que ronda a chácara dos Meneses, é a voz de Betty em seus diários, o foco deste estudo, a fim de nos debruçarmos em suas narrativas e inferir sua importância para

o romance como um todo, bem como sua contribuição para o grande embate de forças que avizinhava a casa.

Como discutimos anteriormente, pautados em Dalcastagnè (2012; 2005), a presença e atuação do narrador contemporâneo diante das inúmeras negociações e a desconfiança para com aquele que nos narra – também sujeito das transformações sociais –, que veem o outro com desconfiança. Também Spivak (2010) e Almeida (2010) em suas contribuições em relação a discussão acerca do sujeito subalterno, e suas impossibilidades de fala, assim como o problema da representação de suas vozes por intelectuais que acabaram proliferando ainda mais, a violência epistêmica. É perante este apanhado que entendemos Betty em sua diversidade narrativa, como elemento essencial para o início do embate de forças no romance. Como vimos, não é exatamente por sua ação direta na narrativa, mas em sua função facilitadora das vozes marginais da chácara, que somente por seu auxílio foram ouvidas ou notadas – muito discutidas no primeiro capítulo desta pesquisa –, na sua relação com Timóteo.

Betty, em seus diários, parece em alguns momentos pressentir o clima e o processo de ruína entre os Meneses, a única a testemunhar e notar de fato, o antagonismo de ideias, costumes e cultura presente na chácara desde a chegada de Nina. A narradora documenta em detalhes a primeira refeição da nova patroa, momento em que os antagonismos da chácara começavam a se aflorar:

— Não vê? Pois olha, você sabe muito bem o que representamos: uma família arruinada do sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos, que vive de alugar esses pastos quando eles não estão secos, e não produz nada, absolutamente nada, para substituir rendas que se esgotaram há muito. Nossa única oportunidade é esperamos desaparecer quietamente sob este teto, a menos que uma alma generosa – e ele fitou rapidamente a patroa – venha em nosso auxílio. (CARDOSO, 2017, p. 66).

— Casei-me com um homem rico

— Rico? Foi isto o que lhe disse? – gritou o Sr. Demétrio.

— Foi.

Ele, que se inclinara exageradamente sobre a mesa, voltou a tombar para trás, e com tanta força que temi vê-lo cair, arrastando a cadeira.

— Mas não tem nem onde cair morto! Devemos aos empregados todos, à farmácia, ao banco do povoado... Não, esta é forte demais.

Só aí a patroa pareceu perder a calma. Atirando o guardanapo sobre a mesa, e com um tremor nos lábios, exclamou:

— Ah, Valdo, isto é uma humilhação! (op. cit., p. 67).

Abandonou-me, deu um impulso à rede. Tombando a cabeça, a sombra de um galho de acácias projetou-se em seu rosto.

— Não sei, não sei – murmurou. – Essas velhas famílias sempre guardam um ranço no fundo delas. Creio que não suportam o que eu represento: uma vida nova, uma paisagem diferente.

E como tocada por repentina inspiração, concluiu:

— E, quem sabe, também, talvez seja medo. (op. cit., p. 69).

Betty é testemunha direta dos acontecimentos nessa refeição, tendo neste instante uma representação embrionária do que viria pela frente. Observando aqueles que se assentavam na mesa, sua composição e natureza talvez já notassem a posição e a caracterização de cada figura e as ideias advindas destes, tão contrárias e que se odiariam no ambiente da casa dos Meneses. A narradora nesse primeiro diário, ao relatar a voz de Demétrio, contribui para o esclarecimento do que seria a realidade da família, seu processo de ruína pela degradação econômica e a consequente destruição moral. De uma importante família tradicional do interior de Minas Gerais a uma que acumulava dívidas em bancos, não conseguindo, subsequentemente, a estabilidade da casa e de seus costumes tão quistos.

A narradora percorre caminhos e vielas na chácara, onde somente seus pés levariam, para ouvir e conchamar, à luz da sua narrativa, o conflito e as contradições das ideias postas. E a urgência em fazer oposição ao discurso de sujeito colonizador, para a possibilidade de uma real ameaça ao grupo encabeçado por Demétrio. Nos trechos transcritos acima, temos um relato de uma conversa entre Betty e Nina – que posteriormente iriam estabelecer uma relação próxima – na qual surge exatamente a questão do âmago da família em relação a Nina, seria justamente a sua representação, o progresso e a modernidade que emanam de sua figura. Também se configurando como mais uma das situações em que os discursos conflituosos se estabeleçam mais decisivamente na narrativa, por meio do olhar da narradora e da sua posição de fala.

Para além dessas características no tocante as suas ações e as consequências dela – aqui discutidas e exemplificadas pelas confrontações ocorridas pelo ímpeto/exercício de sua voz, no âmbito da narrativa, Betty configura com antecedência a batalha que se desenhava. Porquanto é dotada de uma espécie de “sexto sentido” apontado para os Meneses, seja por seu conhecimento dos seres que ali habitam, seja pelo seu próprio papel no universo romanesco. É ela também quem sente e observa as mudanças da casa, e o comportamento dos membros da família:

Desde que ela chegou, não temos um minuto de sossego. A todo instante quer alguma coisa e nunca está contente, queixando-se dos empregados, da casa, do clima, de tudo enfim, como se fôssemos culpados do que lhe

acontece. Ainda não a vi em repouso, e creio que está é uma atitude que lhe vai dificilmente. Está sempre caminhando de um lado para o outro, fazendo alguma coisa ou simplesmente imaginando o que fazer – o que lhe empresta um aspecto febril, não isento de hostilidade, que cria em toda a casa um ambiente de mal-estar e expectativa. Lá dentro as empregadas se queixam, cá fora a fisionomia dos patrões não é das mais animadoras. (CARDOSO, 2017, p. 117).

Quem melhor do que Betty para estabelecer e notar essas mudanças em torno da chácara? Ela como governanta, faz a chefia das ações da casa e busca estabelecimento da ordem. Todavia é natural que ela perceba e transpareça em suas narrativas a sua atenção aos seus patrões. É interessante ressaltarmos, ainda, para a chamada de atenção ao crescente mal-estar que rondava e já agia na chácara por, primeiramente: a inadaptação de Nina ao ambiente da chácara, por sua repulsa a reclusão da casa e a paisagem baixa e seca que a compunha. Em segundo lugar, pela também inadaptação da casa – representada aqui nas figuras de Demétrio e Ana – a nova moradora, seja por seus costumes, maneira de se vestir ou por tudo quanto a sua figura representava.

É através dos diários de Betty que o leitor consegue perceber e reorganizar quais lutas e batalhas que ali se fomentavam. Porque foi por meio de seus diários que conhecemos a Timóteo e suas singularidades, bem como nos inteiramos da figura ancestral de Maria Sinhá, e o próprio contato de Nina com seu cunhado, somente possível pela ação da narradora. Todas essas personagens rumam para o mesmo ponto no romance multifacetado de Cardoso (2017), os diários da governanta. Todos sob a mesma circunscrição, de vozes subalternas – seja por motivos de gênero ou posição social – mas todos eles subalternos, na direção da mesma voz, para serem ouvidos e notados.

Entre as diversas vozes que compõem as múltiplas narrativas do romance, a de Betty é a que mais se aproxima do entendimento e da visão sem obstáculos, dotando seus relatos de diversidade pelo próprio contrabalanceamento do discurso e a abertura dos espaços para aqueles que não tinham voz. É justamente essa característica que proporciona as confrontações entre os grupos que se formavam:

Indaguei a ela para que tantos vestidos, se tinha intenção de usá-los todos. E acrescentei: “Aqui em casa saem tão poucas vezes!” Ela me respondeu com irritação: “Que me importa se nesta casa saem ou não? Farei exatamente o que eu quiser” E indagou-me em seguida se não havia divertimento na cidade, bailes, teatro, reuniões de qualquer espécie. Não pude deixar de rir, enquanto retirava da mala aquela quantidade de capas e vestidos. Vendo o ar

de zanga com que ela me fitava, apressei-me a assegurar-lhe que não tínhamos bailes e nem teatros, que apenas uma ou outra vez o senhor Barão reunia em sua fazenda algumas famílias, mas que nós, os da chácara, jamais compareceríamos a essas reuniões. “Por quê?”, perguntou ela, sempre ocupada em me auxiliar a remexer as caixas. “É o sistema de vida do Sr. Demétrio”, respondi. Deixou tudo, fitou-me com olhos duros: “Eu não quero viver segundo o sistema do Sr. Demétrio”, disse. Ergui apenas os ombros, imaginando a que lutas não teríamos que assistir, caso ela pretendesse realmente inaugurar um outro gênero de vida. (CARDOSO, 2017, p. 117).

Betty é quem percebe e faz o balanço do comportamento dos habitantes da casa, chegando a uma conclusão nada animadora de que viveriam lutas intensas se nenhum lado cedesse ao acúmulo de ânimos exaltados. A governanta expõe em seu diário, desde a chegada de Nina, o clima denso e de mal-estar que se acumulava e se condessava mais e mais. A narradora compreendia – e deixa isso claro em suas narrativas – as consequências que Nina traria se realmente inaugurasse um outro gênero de vida além do que era esperado pelos Meneses. Por meio da visão de Betty, vemos as comparações logo estabelecidas por Demétrio em relação a Ana, e que Nina deveria seguir os mesmos padrões comportamentais e culturais já que agora vivia na chácara e era uma Meneses. Transparecendo que atitudes e costumes diferentes daqueles não seriam tolerados e, conseqüentemente, surgiriam atritos nos espaços.

A grande ferida de Demétrio como sujeito de discurso colonizador – ele exaltava o passado da colônia brasileira e sua origem nobre europeia – não era tão somente o “desvio” de conduta de Timóteo por sua homossexualidade ou pelo comportamento da cunhada com ares cariocas e modernos que representavam uma ameaça a suas convicções. O âmago de sua ferida é que a família encontrava-se em processo de ruína econômica e moral, “você sabe muito bem o que representamos: uma família arruinada do sul de Minas” (CARDOSO, 2017, p. 66), nas palavras do próprio Demétrio, a ferida estava localizada na sua incapacidade de lutar contra esses discursos, pois aquilo que o representava não tinha mais forças para a luta, era essa a sua grande ferida e inconformidade.

Na conversa entre Betty e Timóteo, o último traz à luz a figura de Maria Sinhá, uma antepassada dos Meneses que sofreu as mesmas agressões que Timóteo sofria hoje. Para tanto, os discursos que ameaçavam a estabilidade e a hegemonia do discurso do sujeito colonizador não eram somente do presente da narrativa, mas surgidos também em seu passado, a diferença se estabelece no poder de que antes os Meneses eram dotados, conseguindo silenciar Maria Sinhá, Timóteo foi o único a fazer alusão a sua existência, até seu retrato, o último rastro de sua existência, foi colocado no porão por ordem de Demétrio.

Configurava-se na chácara essa falta de força de Demétrio e o crescente poder que emanava da figura de seu irmão e a sua união com Nina, discutidas aqui no primeiro capítulo desta pesquisa, que começava a ganhar corpo e força:

Conversava com as empregadas na cozinha – todas elas surpreendidas com o reaparecimento da patroa – quando vieram me dizer que o Sr. Timóteo me chamava. Antes de atendê-lo, imaginei que desculpas daria ao Sr. Demétrio caso ele me encontrasse, pois já me proibira várias vezes de atender aos chamados do irmão. Nunca cumprira essas ordens, e ainda agora, erguendo os ombros, não hesitei em ir bater à porta do Sr. Timóteo que me importavam essas rugas de família? Foi o próprio Sr. Timóteo quem veio me atender. (CARDOSO, 2017, p. 119).

[...] enquanto olhava, descobri uma forma se agitar ao fundo e, fixando não tardei muito em descobrir de quem se tratava.
— Sou eu, Betty – disse tranquilamente a voz da patroa.
— Se o Sr. Valdo perguntar por mim, pode dizer que estou neste quarto. Vim fazer uma visita ao meu cunhado. (ibid., p. 119).

É estabelecido em definitivo o encontro entre Nina e Timóteo, articulado através de Betty logo após a chegada da patroa na chácara da família. É interessante notarmos que a narradora procura sempre deixar claro o caráter proibitivo a tudo o quanto se tratava a tentativa de algum contato com Timóteo. E mais interessante ainda é a sua reação diante das ordens dos patrões, ela atende aos chamados assim como confirma a sua posição de quase imparcialidade acerca das confrontações e lutas que se avizinhavam, por tratar-se, segundo a própria, de rugas de família.

Ao relatar em seus diários a desobediência aos patrões, ela confirma o padrão de silenciamento de um determinado grupo de pessoas, bem como a sua posição diante dos patrões ao manter contato com Timóteo. Isto confirma as possibilidades muito fomentadas no primeiro capítulo desta pesquisa, por tratar-se Betty de uma figura que ouvia as vozes marginais da narrativa, possibilitando o seu surgimento somente através de seu prisma, enfrentando as diversas tentativas de silenciamento.

Os agrupamentos e antagonismos da chácara são percebidos e descritos pela narradora de forma clara e objetiva, com sua sensibilidade e perspicácia, ela observa e faz o “diagnóstico” dos movimentos e reações dos seres que a cercam:

Não havia dúvida de que para ele se tratava de um acidente excepcional, primeiro porque travava conhecimento com a cunhada (e quem sabe por que meios, por que secretas afinidades conseguiria transformá-la numa aliada?),

segundo porque, no íntimo, devia tramar alguma coisa contra os irmãos. Ah, essa raça de Meneses era bem minha conhecida. No entanto, de pé, procurava em vão imaginar por que aquela visita lhe causava um tão extraordinário prazer. Que secreta partida jogava ele, e que possibilidades entreveria no futuro, com um gesto que provavelmente era apenas um dever de cortesia? Aproximei-me um pouco mais, tentando vislumbrar o rosto da patroa – e seus olhos que reluziram um instante na cálida penumbra, demonstravam confiança e, por que não dizer, uma quase sensação de bem-estar naquele ambiente exótico. (CARDOSO, 2017, p. 119).

Betty reflete acerca desse encontro e as suas consequências para a família. Em um primeiro momento não compreende que tipo de afinidade poderia unir Timóteo e Nina, para ela, seres demasiadamente distintos. A governanta os associa como possíveis aliados, ao fazer isso, diz indiretamente que a casa está em conflito e que as partes buscam colaboradores para a eclosão do conflito. Mas tão logo a narradora abre as possibilidades para os motivos daquelas reuniões com a cunhada, que seria uma possível armação contra os irmãos.

Descreve ambos, em uma excitação e uma alegria enorme que rodeava o aspecto do quarto, e o pedido inusitado de Timóteo: “— Betty, quero que você vá imediatamente buscar uma garrafa de champanha, e bem gelada. Quero comemorar condignamente o dia de hoje” (CARDOSO, 2017, p. 120), numa espécie de celebração simbólica dessa união, objetivando a destruição completamente de toda a falsa moralidade impregnada nas paredes da chácara, pretendendo, acima de tudo, inaugurar um outro gênero de vida.

Esses movimentos e as suas motivações não eram percebidos exclusivamente por Betty – apesar de surgirem apenas através de seus relatos. Enquanto ia cumprir a ordem de ir buscar a garrafa de champanha, é surpreendida por Valdo:

— Aonde vai? De onde vem? – indagou
 — Do quarto do Sr. Timóteo – respondi, esforçando-me por escapar. Ele, no entanto, apertava-me com força, e empurrava-me contra a parede.
 — Do quarto do Sr. Timóteo – repetiu com pasmo.
 — E quem está lá?
 — A patroa – respondi
 — A patroa – repetiu ele de novo, como se eu acabasse de dizer uma exorbitância. (CARDOSO, 2017, p. 120)
 [...]
 — Afinal o quê, Betty? E por que querem campanha? Querem uma farra completa, não é?
 — Não se trata de farra. Como é que pode pensar uma coisa dessas dela... da sua mulher? Apenas o Sr. Timóteo está contente por ter conhecido Dona Nina.
 [...] — Não é tão inocente assim, Betty. Timóteo não descansará enquanto não nos destruir.

Havia uma segurança em sua voz e, durante um minuto pensei que talvez ele tivesse razão, e que atitude do outro, habilmente tão reservada, poderia na verdade conter certa dose de perfídia. Que pretendia ele, por que mandara buscar champanha? Que espécie de aliança era aquela que pretendia estabelecer com a recém-chegada? E revi o quarto, o ambiente morno, as evoluções do Sr. Timóteo diante de mim. (op. cit., p. 121).

A governanta é flagrada em desobediência aos patrões, Valdo a pressiona e a repreende por suas atitudes, ficando ainda mais furioso com a informação de que Nina estava no quarto do seu irmão – para ele, representava tudo de mais vil e torpe –, motivada por inclinações misteriosas. Betty tenta proteger ambos, argumentando que a champanha e o encontro não passava de meras formalidades entre Timóteo e a cunhada, mas Valdo nos revela a grande inclinação de seu irmão, a destruição completa dos Meneses.

Por meio do prisma da governanta, já especulávamos as motivações de Timóteo e suas pretensões, porém, pela primeira vez, os diários expõem a compreensão dos ocorridos passados na casa, por um “membro” do outro grupo. Valdo tem uma tomada de consciência acerca do que se passava na chácara, a estranha união entre a sua esposa e seu irmão para ele representava uma aliança que pretendia destruir o estilo de vida de Demétrio – compartilhado em partes por Valdo – e, com isso, a aniquilação das tradições da família, e agora representavam uma grande ameaça. Betty já desconfiada do encontro – protagonizado, porque articulado, pela mesma – entre a patroa e Timóteo, estabelece de forma mais objetiva o reconhecimento dessa aliança ao refletir sobre a simbologia daquele champanha.

Como até aqui discutido, Betty é uma narradora fundamental para o surgimento e a presença de vozes marginais no romance de Cardoso (2017). Por sua voz, os sujeitos subalternos obtêm uma fresta para a tentativa do reconhecimento de sua fala, por meio de seus relatos, e mais recentemente observamos os embates embrionários dos antagonismos que se aglutinavam em torno da chácara dessa família. A narradora é essencial para o entendimento dos partidos que se formavam, bem como a mudança de clima e de rotina dos membros da casa, pela força da ação corrosiva, fruto do próprio conflito que se formava em seu seio.

2.2 A família cindida em partidos

Entre tantos diálogos e descrições feitos por Betty ao longo dos seus cinco diários, talvez o momento mais representativo, o mais imensuravelmente simbólico, seja a sua ida com Nina ao porão, no intuito de ver o retrato de Maria Sinhá ali escondido e preso. Representativo no sentido do próprio papel atribuído a narradora ao longo da narrativa, de abrir espaços para os marginalizados, pois, em seu percurso com a patroa, ela perpassa por locais marginais da casa – o porão localizava-se ao lado do quarto da preta Anastácia –, além de mencionar o fato de Nina querer falar com Anastácia, ao saber que a preta era única a ter visto a falecida em vida.

Dessa forma, é uma questão simbólica, pois o porão sempre é relacionado a objetos que não têm mais utilidade ou sem valor, e é deixado lá para o esquecimento. Assim, Betty e Nina vão até esse retrato para desenterrá-lo do desprezo e da agressão a sua memória, permitindo, em uma ação simbólica, o espaço para observação e a compreensão de sua vida, que mesmo no pós-vida ainda sofria as mesmas agressões. Assim como fez Betty, desobedecendo aos padrões, e respondendo aos chamados de Timóteo, oferecendo-lhe um espaço além da eterna escuridão. A ida ao porão é uma representação da própria ação de Betty na narrativa, ao visitar os “porões” subalternos, sem voz, espaço, sem um retrato que lembre a sua existência:

E finalmente, um pouco ao lado, face voltada para o muro, um retrato – poderia ter mais ou menos um metro de altura – ainda perfeito em seus caixilhos. Voltamo-lo, e vimos que ele se achava coberto por densa camada de pó. De um dos lados, arrebatado, pendia um laço de crepe – e sem saber por que, nem de onde nos advinham aqueles sentimentos, sentimo-nos tristes e inquietas. Anastácia arrastou o quadro para debaixo da luz e esfregou um pano sobre sua superfície – devagar, como se emergisse do fundo parado de uma lagoa, a fisionomia foi surgindo, e à medida que os traços iam se revelando, mais fortemente batiam nossos corações, como se violássemos um segredo que para sempre devesse dormir na escuridão do passado. Era um rosto de mulher, não havia dúvida, mas tão severo, tão fechado sobre suas próprias emoções, tão definitivamente ausente de cogitações imediatas e mesquinhas, que mais se assemelhavam ao rosto de um homem – e de um homem totalmente desiludido de vaidades deste mundo. (CARDOSO, 2017, p. 145).

[...]

Ah, não nos era uma fisionomia desconhecida, ao contrário, e de imediato nos fez vir à lembrança alguém que conhecíamos muito – um nariz aquilino e forte, um rasgado de olhos, a linha do queixo – enfim, traços perdidos sobre o rosto de todos os Meneses, alterados aqui ou ali – e mais evidentes

neste, menos precisos naquele – mas ainda assim Meneses, como fios de água descendentes da mesma fonte-mãe, célula única de todas as energias e de todos os característicos da família. (op. cit., p. 121).

Quem mais iria percorrer aqueles espaços perdidos e impenetráveis? Quem quereria acessar os bastidores? Quem mais iria a algum lugar com a preta Anastácia, perdida ao lado de um porão? Quem mais buscaria uma memória que deveria estar contida em seu segredo na escuridão do passado? Quem mais teria retirado o pó do tempo e revelado o rosto esquecido? É Betty, essa potencialidade que descortina os arcabouços da chácara e as lembranças perdidas.

Três mulheres, em condições diferentes, mas todas subalternas, buscavam no porão a revelação de um segredo e a excitação da verdade. Nina motivada pelo ócio, começa a ter interesse nos assuntos da família: “Era mais do que evidente que desejava ampliar seus conhecimentos da família...” (CARDOSO, 2017, p. 121). Betty descrevia as terras e as posses da família, bem como a descrição geográfica da região, mas, ao mencionar Maria Sinhá, desperta o interesse da patroa, que começaria seus conhecimentos acerca dos Meneses, nos quais residia o ácido corrosivo que tanto amedrontava a família, por isso o banimento do retrato ao porão.

Através da revelação do retrato de Maria Sinhá, a vida desta ganha traços e contornos mais nítidos, uma realidade mais viva e palpável, diferente daquela descrita por Timóteo e muito distante da ameaça vista por Demétrio. Betty e Nina são tomadas de emoção diante da revelação da figura por debaixo do pó, em figura que não era muito diferente dos mesmos traços e fisionomias que habitavam a casa, acima de tudo, era uma Meneses. Herdeira do mesmo sangue, dos mesmos traços, mas teve seus vestígios e as lembranças de sua existência apagadas e silenciadas ao longo dos anos, o passado e presente funde-se nas figuras presas à escuridão; Timóteo em seu quarto recluso, Maria Sinhá em seu porão, jogada ao esquecimento, mas ambos Meneses reivindicando seus espaços e direito de fala.

Novamente é Betty a protagonista e auxiliadora da exploração e do contato em espaços jamais frequentados pela força do discurso colonizador. Demétrio, Ana e Valdo, nenhum desses em seus diários – Demétrio não tem voz própria – ou por meio de presenças nas outras narrativas que compõem o romance, de modo algum, levariam Nina ao conhecimento dessas informações acerca de Maria Sinhá ou estabeleceriam contato com Timóteo atendendo os seus chamados. Betty como governanta, nada tinha “com essas rusgas de família”, para ela o retrato de Maria Sinhá na sala da chácara não representava nenhuma

ameaça, assim como a figura de Timóteo não lhe atemorizava, para ela uma figura exótica e plural.

Tal ideia é semelhante a das viúvas do ritual de imolação na cultura hindu, discutida por Spivak (2010), ao retratar a postura do discurso do colonizador como um ato de salvação para aquelas mulheres, sem ouvir ou pensar na vontade das próprias viúvas que realmente queriam a morte.

Assim, o discurso de sujeito colonizador – muito concentrado da figura de Demétrio – enxerga em Timóteo e Maria Sinhá uma chance para prática da agressão e o silenciamento desses, das suas formas e das condições de existência, usando nitidamente da força de seu poder econômico, por exemplo. “Salvando” a tradição e os costumes que deviam ser zelados e mantidos, ao custo do banimento eterno do outro que não vivia sob as mesmas leis. Similar às viúvas, os Meneses banidos não tiveram a voz e os apelos ouvidos, até a chegada de Betty e as suas frestas abertas que possibilitaram a passagem de alguma luz, para vislumbramos um traço ou outro de suas fisionomias e, confirmamos, é tal qual um Meneses.

Os diários IV e V de Betty situam-se em um lapso de tempo, são transcorridos muitos anos e muitos acontecimentos até a volta da voz da governanta. Nesse entremeio, Nina fica grávida e deixa a chácara para morar no Rio de Janeiro, onde dá à luz ao seu filho André. Ela não retorna mais à chácara, e Ana fica encarregada de levar o filho até Minas, onde ficaria sob a supervisão de Valdo e aos cuidados de Betty. Todos esses fatos são observáveis pelas vozes de outros personagens, em suas cartas, diários e depoimentos.

Nina, durante essa época, fica reclusa no Rio de Janeiro em seu apartamento, sem ter qualquer tipo de contato com a família – exceto a suas cartas endereçadas a Valdo e jamais respondidas –, também não conhece seu filho André e não mantém nenhuma relação materna com ele. Através dos outros narradores, é percebido que a partida de Nina da chácara deu-se pela relação conturbada com Demétrio e Ana, e a desconfiança de Valdo acerca de uma possível traição da esposa com o jardineiro da casa, chamado Alberto, que acaba por suicidar-se de forma misteriosa.

Coincidência ou não, a voz da governanta se faz presente na narrativa somente no período em que Nina encontra-se na chácara. Em seu período vivendo no Rio de Janeiro, temos uma ausência da voz de Betty por longos anos. É justamente essa contraposição que ditará a centralidade de seus próximos relatos, ao comparar o clima e o ambiente na chácara em sua ausência, e a mudança de rumos e comportamentos com a sua presença, principalmente na conduta de Demétrio e André. Até sugerindo que a presença da patroa é dotada de uma força invisível atuando e exercendo poder sob as pessoas que ali vivem. Bem

como a constatação da fragmentação da casa entre partidos antagônicos, discorrendo até acerca de quais membros estariam em cada um dos grupos.

Nina então retorna a chácara depois de muitos anos, encontrando André somente na sua juventude. Concomitante ao seu regresso, temos novamente a voz de Betty, com seu foco se concentrado nos extremos marginais da narrativa, atenta as consequências das posições e as disputas na chácara.

O regresso da patroa já trazia sérias sequelas para a vida das pessoas da casa, os outros narradores – entre eles, a própria Nina, Ana, Valdo e André – relatam o relacionamento incestuoso entre Nina e André, comprovadamente descritos nos diários deste último, causando uma grande perturbação pessoal na vida do herdeiro dos Meneses, afetando seu comportamento e sua relação com o pai. Sequelas que são frutos da paixão avassaladora pela mãe e dos encantos sobre ele lançado. Todos esses fatores contribuíram de forma decisiva para a instauração de um clima denso, cercando a chácara de suspeitas e intrigas. É diante desse contexto nebuloso, que Valdo procura Betty, pedindo-lhe conselhos e ajuda, pois o próprio já percebia os efeitos da chegada da esposa sob o comportamento de Demétrio e André:

Disse que o Sr. Demétrio andava um tanto ausente nesses últimos tempos, que não só não o vira na cozinha, como também não o vira no corredor, nem na sala, nem em nenhuma dependência da casa. (Para mim mesma, no entanto, conservei a maior parte do que sabia, isto é, que desde alguns dias o Sr. Demétrio mostrava-se mais agreste, mais nervoso. Havia cavada em sua testa uma ruga permanente, e mostrava-se desgostoso com tudo, como se fosse mal em casa, a partir dos últimos tempos. Algumas vezes mesmo, havia-o visto farejando o ar, como se pressentisse a chegada de eminentes desgraças – e coisa curiosa, que me parecia bem sintomática das alterações que enumerei, ele, que comumente se afastava da esposa, a ponto de nunca serem vistos juntos, agora como que haviam descoberto um motivo de união, e solidarizam-se ambos, encontrado apoio um no outro, como se buscassem forças para lutar contra um inimigo comum. (CARDOSO, 2017, p. 248).

Eram notórias as mudanças de comportamento e dos hábitos da família, até mesmo nas relações entre os membros, hábitos anteriormente comuns a quem os conhecia, e hoje, em uma mutação, são observados com desconfiança. Valdo a procura, justamente por entender que Betty era a observadora dos costumes da casa, já que ela em sua função deveria ficar atenta a qualquer ruptura do andamento da lei comum e natural que regia os Meneses. Assim como Valdo, a narradora constata essas alterações e o clima de desestabilidade que cercava certos espaços da casa, no caso, acerca das mudanças de postura de Demétrio e o sua conduta

com a esposa. Suas novas condutas demonstram inquietação e perturbação em relação ao futuro da família e a própria manutenção do seu gênero de vida.

A chegada de Nina proporciona a desestabilidade do sistema vigente, sua ação atua com uma ruptura que desmembrará a chácara em partidos. Betty, como observadora atenta a tudo o quanto se passava nos corredores daquela casa, também nota as mudanças bruscas na rotina comum, e vai além, atribuindo significado e motivação de tais posturas. Ao ver a movimento de fundição entre Ana e Demétrio, constata o agrupamento dos dois, numa espécie de união, contra um mal comum:

Para mim não era difícil perceber de que inimigo se tratava – e foi portanto sem surpresa que um dia eu o ouvi dizer no corredor: “Ana, de agora em diante quero que você mande minha comida ao quarto”. Ela aquiescera com um movimento de cabeça, sem indagar coisa alguma. Fora ele próprio quem, com um suspiro, acrescentara: “Estamos vivendo tempos duros. Não sei como isso vai acabar...” Se Dona Ana não respondera nada, nem por isto sua atitude era menos eloquente. Era impossível assisti-la, sem imaginar que concentrara em sua reserva toda a reprovação e todo o sentimento das tradições da chácara. Isto era o que poderia ter dito ao Sr. Valdo, mas julguei que seria antecipar as coisas e calei-me, à espera de melhor oportunidade. (CARDOSO, 2017, pp. 248, 249).

Betty, evidentemente, ao tratar do mal comum a ambos, como força motivacional para proporcionar tal união, e ao grande inimigo dos dois, referia-se a Nina. A união repentina entre marido e esposa era uma resposta à atuação da patroa, representante de uma ameaça que rondava o ambiente, e a manutenção das tradições da chácara. A narradora observa e retrata de forma clara e concisa os efeitos de Nina sob Demétrio, um escândalo como uma relação incestuosa, poria fim a moral da família e aniquilaria para sempre o nome dos Meneses, já em franca deterioração de suas estruturas. As reações de Demétrio constataam a sua prenúncia em relação a todos esses fatores, refletidos em sua conduta e a instabilidade cotidiana apresentada.

Nesse momento Betty não é exclusivamente a única a perceber os movimentos em direção a uniões e os pactos entre os personagens. Valdo emergido em sua angústia e temor diante de todo esse contexto que se desenhava, nos rumores e no clima instaurado pelo escândalo inevitável, perturbava-se demasiadamente com sua esposa, suas atitudes e, principalmente, o que circulava a seu respeito. Mas “[...] ele não tinha forças para condená-la inteiramente, é que suas suspeitas não se corporificavam [...]” (CARDOSO, 2017, p. 250), por isso, o motivo de seu desespero, não podia condená-la completamente, só havendo rumores.

Assim, Betty é o seu socorro na busca por informações sobre o que se passava com sua família debaixo do seu teto, é quando demonstra conhecer as movimentações e a divisão da chácara:

— Acho, Senhor Valdo, que há grande exagero no que se diz respeito dela. De que modo a pobre...
 Ele cortou-me a palavra com violência, e só assim eu pude verificar o quanto já se achava indisposto com Dona Nina:
 — De que modo? Não me diga, Betty, que já está ao lado dela
 Movi a cabeça devagar:
 — Não, não me acho do lado dela. Nem do lado dela, nem do de ninguém.
 (CARDOSO, 2017, p. 250).

A cobrança e os questionamentos de Valdo a sua governanta acerca da sua possível posição ao lado da esposa demonstram que o próprio já tinha conhecimento da ruptura interna da casa. É nesse momento que Betty tem uma reflexão de tudo o quanto se passou pela sua visão, detalhes, lembranças e conversas que agora tentava unir e buscar significado ante todo o caos que circulava o ambiente da família. Pesando e analisando os anos de informações coletadas e adquiridas no seu convívio com os Meneses, ela é levada a crer que talvez não devesse ter tantas informações exageradas a respeito da patroa:

Passei esta última noite sob a mais indescritível agitação. Ontem, mal acabara de afirmar ao Sr. Valdo que não se passava nada – e era, note-se bem, a segunda vez nestes últimos tempos que ele me fazia uma pergunta desta natureza – e todo um afluxo de lembranças subiu ao meu pensamento. (CARDOSO, 2017, p. 251).

[...] Ah, aquilo de que eu me lembrava não eram palavras, nem simples gestos como vira e adivinhara tantos pelos corredores e cantos daquela casa, mas cenas autênticas, fatos que haviam se desenrolado em minha presença, e que agora me causavam uma tão profunda perturbação. (ibid., p. 251).

É interessante destacarmos a preocupação de Betty em transparecer a natureza real dessas informações que possuía. As tais não eram lembranças, gestos ou palavras de como temos acesso por intermédio de outros, ou pelo prisma alheio. O fluxo que emergia em sua memória eram fatos, cenas e conversas que se desenrolaram em sua presença, e que tinham sua pessoa como testemunha e em certos casos colaboradora e mesmo protagonista de tais circunstâncias.

O exemplo de quando atende aos chamados de Timóteo e cumpre a promessa feita a ele, de comunicar-se com a cunhada, promove os encontros entres os dois no quarto, motivados por quaisquer aspectos misteriosos. Quando a própria Betty os leva a campanha para a comemoração simbólica de uma possível união entre eles, inúmeros fatos e situações que se desenrolavam ante a sua presença e que agora a própria refletia sobre os significados, motivação e a ação dessa união na participação sob o clima nebuloso que tomava de conta da chácara. Sua reflexão é propriamente pelo próprio aspecto da atuação dessas forças no seio da família, e que Nina seria a chave principal dessa engrenagem:

Sua dor era tão positiva que eu não pude deixar de sentir uma ponta de animosidade contra “ela”: antes da sua vinda, não havia lágrimas naquela casa. Sempre lhe alisando os cabelos, e no tom de voz o mais indiferente possível, perguntei se não era “ela” realmente a culpada. (CARDOSO, 2017, p. 252).

Ao abandoná-lo, no entanto, passou-se comigo um fato curioso: qualquer coisa começou a pesar em minha consciência, e não era o silêncio que havia guardado quando o Sr. Valdo me falara, nem o fato de ter ocultado o que sabia. Não. Pela primeira vez, e de um modo insistente, insinuante, eu sentia o que realmente era a presença daquela mulher – um fermento atuando e decompondo. [...] E era inútil esconder: tudo o que existia ali naquela casa achava-se impregnado pela sua presença – os móveis, os acontecimentos, a sucessão de horas e dos minutos, o próprio ar. O ritmo da chácara, que eu sempre conhecera calmo e sem contratempos, achava-se desvirtuado: não havia mais um horário comum, nem ninguém se achava submetido à força universal de uma lei geral. (op. cit., pp. 253, 254).

Betty elenca o que seria os transtornos da casa e da família desde a chegada de Nina e o exercício de sua influência nos aspectos e formas da chácara. Em sua ausência, a lei universal que regia era a da calma, mantida por meio de agressões e o silenciamento do outro, de que devia ser esquecido e seu espaço renegado. Diante disso, não havia a turbulência e a agitação comuns a qualquer tipo de confronto ou transição, pois a guerra não existia sem o posicionamento do outro. O que ingenuamente a narradora não percebe é que ela mesma proporcionou as brechas na narrativa para a ocupação de vozes marginais, antes silenciadas e fadadas ao esquecimento, pelas mesmas forças que tinham o interesse de manter a ordem e a estabilidade de suas tradições, já que o outro não entrava em suas pautas. Mas a própria divisão e a inquietação da chácara é o reflexo para própria confrontação que ocorria:

Assim pois era verdade. Os lados existiam. Aquelas palavras só confirmaram, e plenamente, tudo o que eu suspeitava. Existia uma ação corrosiva, a família cindia-se em partidos. De repente, em meio ao estupor que aquela constatação me causava, lembrei-me do Sr. Timóteo – de que modo estaria ele envolvido naquilo? Pois a verdade é que para mim já não havia dúvida: se existiam partidos os lados se acham definitivamente delineados, o Sr. Timóteo jamais poderia se encontrar ao lado dos irmãos, a quem sempre detestara, e sim do outro, como um dos seus esteios mais fortes (CARDOSO, 2017, p. 255).

Betty é a constatação definitiva, a verdade efêmera de todo o seu papel, da formatação e do agrupamento surgido por meio de seu olhar. A ação “corrosiva” começa com a oportunidade de espaço para o Outro na narrativa, a narradora constata a participação de Timóteo nesse jogo, ele que sofria com o abandono e o esquecimento, por uma fresta aberta na densa mata que o cercava consegue se estabelecer em uma posição que permite sua ação. Os lados se desenham ante a participação de Betty enquanto narradora contemporânea, propensa a ceder mais espaços a vozes marginais, possibilitando um universo mais multifacetado e diverso e a confrontação e o choque entre esses partidos. Timóteo, Nina, André, Demétrio, Ana, Valdo e Betty, personagens que compõem a narrativa sinfônica de Cardoso (2017), representantes da batalha no microcosmo da chácara que mais parece imitar a vida, representantes daquelas lutas vindas de tempos em tempos, a do moderno em uma luta contra a tradição vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as tantas vozes que ecoam na sinfonia colorida do romance *Crônica da Casa Assassinada* (2017), do escritor mineiro Lúcio Cardoso, a de Betty talvez seja a mais dotada de singularidade e magia, seja pelo absurdo/ousadia de sua fala – em sua posição de governanta – seja pelo absurdo dos objetos de sua narrativa, daquilo que fala, ou propriamente, das consequências de sua voz para o âmbito do universo romanesco da qual compartilha.

Como anteriormente inferido, a voz desta narradora é dotada de diversos aspectos e sentidos, que a elegem, de certa forma, um elemento essencial para termos um apanhado geral de perspectivas dos seres que compõem a chácara, assim como uma melhor compreensão acerca dos embates entre os Meneses. Dentre eles, sua visão privilegiada. Betty como governanta tinha livre acesso aos Meneses, de sua rotina, das conversas, era enfim, grande conhecedora da família e de todos os seus costumes.

A narradora que é objeto de estudo desta pesquisa pode corresponder aos questionamentos levantados e agora inferidos no corpo deste estudo. Suas características e particularidades nos permitiram ao longo da pesquisa, compreender o que se referem as suas potencialidades, bem como, a sua representação no âmbito narrativa e a sua funcionalidade para o entendimento deste.

Nossos questionamentos principiaram-se na natureza da narradora como elemento vital a compreensão dos embates ao longo de seus diários, assim como, a maneira que compreendia a família e seus atritos. Partimos também, de questionamentos quanto a sua função, enquanto narradora contemporânea, a saber, de sua representatividade e de sua participação a somar em uma narrativa mais densa, turbulenta e questionadora das realidades vigentes. E o detalhamento de suas relações com Nina e Timóteo, enquanto análise de seus diários, no surgimento e na abertura dos espaços para os sujeitos silenciados e marginalizados no universo romanesco, e como o acesso a vozes, somente possível através de seu agir. O que permitiu o posicionamento destes, provocando a ruptura e o conflito da família, obtendo em Betty, a figura da explicação e das motivações dos fatos que se desenrolavam.

Nossas discussões, pautadas em Dalcastagnè (2005; 2012), imbricaram-se para os questionamentos acerca da sua natureza subversiva e o influente modo de ação do narrador contemporâneo em suas narrativas. O espaço do narrador aqui, não é reservado àqueles destinados aos heróis, ou a mente que ocupa e controla todos que o cercam, como dono da

realidade. Mas sim, um narrador questionador, não ocupando o espaço do controle e do entendimento absoluto, pelo contrário, é fruto de uma sociedade fragmentada, de sujeitos mais diversificados, que enxerga no outro a possibilidade de enganar e ludibriar. O narrador da contemporaneidade seria aquele proporcionador de narrativas conflitantes, por sua própria ousadia em indagar, opor-se aos discursos, e até mesmo enganar o leitor, levando-o a espaços inimagináveis, as consequências de tais ações, nos rendem romances com mais pluralidade de vozes.

Também levantamos hipóteses a respeito da subalternidade e os sujeitos historicamente silenciados, de sua natureza e da sua impossibilidade de voz realmente autêntica. Inferimos, pautados em Almeida (*apud* SPIVAK, 2010) e Spivak (2010), sobre a impossibilidade de fala por parte de certos grupos imbuídos em uma agressão tal, que só resta calar. Spivak (2010) sugere que as tentativas de representação de suas vozes, por partes de intelectuais que não fazem parte de seu grupo, é uma proliferação da mesma agressão, o ato de falar pelo outro, colocando este em uma bolha homogênea.

Para tanto, Betty delinea-se entre essas características de narradores da contemporaneidade, sua ação, voz e presença viabilizam um enredo mais imbricado e ardente, distante da aceitação e das formas que lhe estão postas. Contrariamente é questionadora e as suas atividades inseridas na chácara mudam as perspectivas e os acontecimentos, é ela própria a chama da mudança, da oportunidade de fala, e principalmente, a chance da defesa.

Como dito anteriormente, a voz Betty é inserida no romance logo após a chegada de Nina, símbolo do advento ou da inserção de tons mais modernos a chácara dos Meneses. A participação efetiva da narradora – constituída dentre as características da contemporaneidade – quando estabelece relações com Timóteo. Betty é a única a atender seus apelos, sua ação ao entrar em contato o exilado da casa, oferece a ele a chance de se ligar a cunhada, onde estabelece uma espécie de aliança com o propósito de destruir a reputação da família. Através de sua ação os sujeitos marginais na casa – Nina, Timóteo e Maria Sinhá – ganham fôlego e espaço para as suas representatividades.

Betty é fabricada de fato como uma narradora de matriz contemporânea, sua voz e presença constituem-se, de fato, como um fator elementar para uma construção conflitante do romance do escritor mineiro. O ato primordial/simbólico de sua atuação, podendo até resumir a importância de sua presença, é o fato de ter respondido aos chamados de Timóteo, (mesmo sob as ordens de nunca atendê-lo). Não somente o responde, mas vai até os espaços impossíveis, onde o próprio não podia frequentar; vai até Nina e conta o recado de Timóteo.

Essa ação da narradora constitui uma abertura de espaços, para a chance daquele destituído e voz e presença. Ao ir até Nina, Betty leva Timóteo a terrenos onde seus pés jamais tocariam.

Ao desobedecer aos padrões, Betty ultrapassa o limite dos narradores de tipos controladores, donos das situações e apaziguadores das lutas que poderiam surgir. A desobediência de sua parte é o que provoca a ruptura da ditadura da agressão e o silenciamento dos sujeitos marginais da narrativa de Cardoso (2017). Seu ato proporciona a chance de fala daqueles até então sem voz, em consequência disto, a instauração dos embates contra aqueles que de todas as formas tentara lhes manter em silêncio.

O encontro de Nina e Timóteo, proporcionado por Betty, ocasionou um desequilíbrio das estruturas da chácara, já abaladas pelas crescentes crises de cunho moral e econômico. Valdo e Demétrio não conseguiram reunir forças contra a “onda” que se avizinhava de sua tão amada chácara. Todos esses fatores proporcionam uma narrativa mais imbricada, de embates entre forças antagônicas, obtendo em uma governanta, seus diários, e sua ação na feitura de brechas, a força necessária para a motivação de uma revolução.

Além da abertura de espaços para o surgimento dos sujeitos subalternos, a atuação de Betty também proporciona o conhecimento do que aqueles indivíduos tinham a falar, as marcas e as expressões trazidas consigo. Assim, entramos em contato com Maria Sinhá, figura lembrada unicamente por Timóteo, até mesmo a narradora, presente na família há algumas gerações, não tinha informações a seu respeito. O seu retrato, última lembrança de sua existência, é jogado no porão por ordens de Demétrio, num processo de silenciamento que perdurou por gerações. Todavia, a narradora, configura-se assim como elemento não somente essencial para os estabelecimentos dos embates na chácara, mas também fundamental para a compreensão das violências e agressões sofridas por esses sujeitos ao longo de diversas gerações dos Meneses, exclusivamente revelados pela vontade e ousadia de uma governanta.

Dentre as tantas violências sofridas pelos sujeitos subalternos ao longo da narrativa de Cardoso (2017), sob intensos períodos de silêncio forçado e com mãos atadas diante da constante agressão, por parte daqueles que não queriam sua representação. É justamente, Betty como sujeito subalternizado, a eleita a uma chance de voz e posição. Por que Betty, mesmo em sua subalternidade, pode falar? Sua voz é de fato essencial para o panorama completo do romance, sua posição está demarcada – no sentido de visibilidade – entre os partidos em disputa, mesmo constantemente cobrada para uma tomada de posição ou sofrendo acusação de pender a algum lado. Betty fala, pela importância e poder de sua voz, das revelações e revoluções advindas desta, pela necessidade de representação – adequada ou não

– das vozes em apelo, numa sinfonia da lembrança, da rememoração, que nos dizem: Estamos aqui. Betty os ouve.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno fala?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Narrador suspeito, leitor comprometido. In: **Entre fronteiras e cercados de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2005.
- _____. O lugar de fala. In: **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2012.
- FARIA, Amanda Guimarães. O espaço em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. In: **Crátilo**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários. UNIPAM, (4):76-84, 2011. Disponível em: http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/41118/o_espaco_em_cronica_da_casa_assassinada.pdf Acesso em: 01/10/2018
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.
- OLIVEIRA, Cinthia Lopes de. **A construção literária de Lúcio Cardoso entre cores e confissões**. XIV Congresso Internacional Abralic. UFPA, Belém – PA, 2015. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455910808.pdf Acesso em: 05/10/2018.
- RODRIGUES, Henrique Estrada et. al. Entre a iniciativa e a fabricação: a construção da modernidade tardia em Minas Gerais. MIRANDA, Wander Melo (org.). In: **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno fala?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.